ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O SISTEMA EDUCACIONAL E A QUALIFICAÇÃO AO TRABALHO

CARMEM ZIRR

Z 81 s

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 5176
Data 16 / 04 / 99

Pontes e Lacerda (MT), abril de 1998

Turma-1997/2 Ex. 01

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O SISTEMA EDUCACIONAL E A QUALIFICAÇÃO AO TRABALHO

Ensaio monográfico propositado na disciplina de Estágio Supervisionado do Ensino da Língua Portuguesa e Literaturas do VIII Semestre, para fins de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda (MT).

Pontes e Lacerda (MT), abril de 1998

Do outro lado da modernidade, como virtualmente ninguém na Terra pode continuar sem perceber, pode não haver nada além de uma "república de insetos e grama", ou um punhado de comunidades sociais humanas danificadas e traumatizadas. Nenhuma força providencial vai intervir inevitavelmente para nos salvar, e nenhuma teologia histórica garante que esta segunda versão de pós-modernidade não vai desalojar a primeira. O apocalipse tornou-se corriqueiro, de tão familiar que é como um contrafatual da vida cotidiana; e, como todos os parâmetros de risco, ele pode tornar-se real.

(Anthony Giddens)

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Quero deixar meus agradecimentos primeiramente a Deus por conceder-me sabedoria e perseverança, aos meus pais e a minha família pelo incentivo e apoio em todas as etapas do curso, principalmente pela compreensão, quando deixei de estar entre eles para cumprir com meu dever de discente.
Agradeço ainda a todos os meus professores, principalmente pela prontidão, pela dedicação e pela paciência da professora Teresa e dos professores Heitor e Lima que prestaram-me ajudas preciosas em todos os momentos necessários.
Meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

	PÁG.
Introdução.....	06
Fundamentação teórica.....	09
Análise:.....	42
O que os professores de história pensam.....	44
O que os professores de geografia pensam.....	46
O que dizem os livros.....	48
Considerações finais.....	68
Bibliografia.....	72
Anexos.....	73

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

INTRODUÇÃO

Partindo de uma reflexão acerca dos problemas que cotidianamente nos cercam, identificamos alguns que certamente merecem uma atenção especial, como a questão do desemprego que vem se tornando algo extremamente preocupante atualmente.

Levando em consideração a revolução técnico-científica proporcionada pelo espantoso desenvolvimento do capital mundial e sua repercussão no mercado de trabalho, o qual tornou-se muito competitivo e exigente, pretendemos visualizar a escola dentro do contexto de globalização da economia, para que possamos perceber como ela age nesse processo.

Tendo conhecimento de que o sistema capitalista é o sistema político-econômico predominante na sociedade atual, e que a ideologia veiculada pelos meios de comunicação e pela escola é a ideologia capitalista que defende apenas os interesses da classe dominante, o presente trabalho tem como intenção propiciar uma investigação inicial sobre o que a escola, enquanto instituição governamental ou social, tem como intencionalidade na formação do indivíduo como profissional capaz de competir no mercado de trabalho hoje existente .

Considerando o maior padrão de qualidade dos funcionários, exigidos pelo mercado de trabalho capitalista e o aumento da competição em detrimento do número decrescente de empregos gerados em conseqüência do sistema, que trabalha em função do Capital Mundial, nos propomos a pesquisar como a escola tem se portado perante a transnacionalização da economia e como a mesma transnacionalização se reflete na área da educação.

Optamos pela escolha desse tema devido à enorme diferença social existente em nosso país e à injusta divisão do trabalho, que tornam-se cada vez mais visíveis. Enquanto a maioria da população vive em condições sub-humanas, a riqueza concentra-se nas mãos de poucos empresários.

Diante desses problemas, questionaremos o papel da escola dentro do sistema político-econômico, enquanto responsável (em parte) pela formação crítica do aluno, para que ele possa perceber o que se passa ao seu redor e qual é o seu papel nesse (processo) contexto.

Pretendemos que esse estudo venha iniciar um processo de questionamento sobre o papel e o trabalho desempenhados pela escola, em meio a essa crise sócio-econômico gerada pelo sistema capitalista de forma a possibilitar uma reformulação do mesmo.

Observamos o contexto de globalização da economia e nesse permeio apuramos o papel da escola de 2° grau e seu procedimento, enquanto uma instituição social elaborada para exercer uma função essencial na formação profissional dos alunos.

Nos remetemos a tal objeto de estudo após realizarmos leituras gerais que nos direcionaram ao seguinte procedimento:

No primeiro momento, foram analisadas as grades curriculares das escolas de 2° grau do município de Pontes e Lacerda, para selecionar as matérias que seriam objetos da pesquisa. Tais grades curriculares foram solicitadas através de ofícios aos diretores das Escolas: "Dep. Dormevil Faria","14 de Fevereiro". "Vale do Guaporé" e "Fungasp", sendo que só a última é de ensino privado, todas localizadas na área central.

No próximo passo, foram analisados os planejamentos anuais das seguintes disciplinas: História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Fundamentos Psicológicos da Educação, Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação e as matérias que constituem a parte diversificada da Escola Fungasp. Esse estudo foi realizado com a finalidade de selecionar

algumas matérias que tivessem relação mais próxima com o objeto de pesquisa.

Após a seleção, chegamos à conclusão de que analisaríamos as seguintes matérias do 2° grau: Geografia, História, Sociologia e Filosofia.

Dentre as disciplinas citadas a cima, foram analisados os materiais didáticos utilizados pelos professores em sala de aula

Posteriormente, fizemos uma entrevista para verificar a visão do professor quanto ao contexto de globalização da economia e o papel da escola dentro dele. Foram entrevistados apenas 8 (oito) professores das disciplinas alvo, pois muitos não se dispuseram a responder. Esse número corresponde a 2/3 dos professores do 2°grau das respectivas disciplinas.

Essas entrevistas foram realizadas de forma semi-aberta (anexos), na qual entregamos um questionário de 15 perguntas para que os professores respondessem em alguns dias.

Após esta fase, iniciou-se a análise das entrevistas, que foram posteriormente confrontadas com o material didático já previamente coletado.

Nesse processo, o de análise das entrevistas procurou-se observar a coerência de pensamento de cada um dos entrevistados e posteriormente estabeleceu-se um paralelo entre os mesmos, entre áreas.

Já no confrontamento dessas entrevistas com o material didático procurou-se identificar tanto os pontos confluentes como divergentes.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Observando a economia no contexto mundial, podemos perceber que o sistema capitalista vem sendo o predominante por muitos anos. Nesse curto período de existência do capitalismo, as diferenças sociais estão cada vez mais visíveis, isto é, o capital torna-se propriedade de uma minoria, enquanto a maioria fica mais pobre.

> ***"O capitalismo é uma forma particular de organização social da produção e troca. Baseado em uma avançada divisão do trabalho, é um sistema no qual a produção orienta-se para as necessidades de terceiros, para a troca. Portanto, é um sistema em que na transformação da natureza em produtos úteis, os produtores imediatos, não podem sobreviver fisicamente sozinhos".***[1]

No sistema capitalista, aqueles que não possuem os instrumentos de produção precisam vender sua força de trabalho. Os trabalhadores recebem um salário, com o qual podem adquirir serviços, mas eles não têm direito algum sobre o produto que criam e precisam gerar lucros para que continuem empregados.

Os capitalistas, sendo proprietários dos meios de produção, possuem direito absoluto sobre o produto. Porém, há limites para tais alocações, devido à competição existente entre os capitalistas e ao fato de poderem ser influenciados pelo sistema político.

---

[1] Adam Przeworski in: Capitalismo e Social – Democracia. 1940, p. 23

Além de organizar a produção, os capitalistas, como empregadores, também dirigem a organização do trabalho, mas podem igualmente sofrer restrições das regras advindas do sistema. Enquanto os produtores imediatos, que são os trabalhadores, não têm direito legal de regulamentar suas próprias atividades produtivas

Os trabalhadores só podem reivindicar seus direitos através de sindicatos e partidos políticos, sendo necessária a participação coletiva da classe para que os seus interesses sejam alcançados. No entanto, os capitalistas realizam seus interesses no dia-a-dia, pois têm em mãos o poder de administrar os recursos da sociedade ao tomar decisões de investir ou não, empregar ou dispensar trabalhadores, adquirir títulos do governo, exportar ou importar.

"A emancipação da classe operária deve ser tarefa da própria classe"[2]**.** É assim que Marx e Engels situam a luta operária. Marx acreditava que os operários poderiam ser a força motivadora do socialismo, porque eram a classe explorada pelo capitalismo e por se constituir a única classe com capacidade de organizar a produção, quando não houvessem mais as relações capitalistas. Porém, o fato de os operários possuírem os mesmos interesses gera competição entre eles, isto é, ao procurarem emprego os trabalhadores aceitam um salário inferior, mesmo que isso rebaixe o nível geral dos salários, ou ainda substituem trabalhadores em greve, mesmo que isso acabe prejudicando o movimento.

No entanto, se os operários se organizassem em uma classe, essa associação faria com que cessasse a competição entre os mesmos, para que pudessem competir em conjunto contra os capitalistas. Nesse sentido, o fato de existir uma classe operária onde se enfatizasse interesses característicos próprios, impediria também a integração dos operários como

[2] Karl Marx & Engels in: The Communist Manifest. 1967, p.144

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

indivíduos na sociedade burguesa, pois os capitalistas representam os interesses universais futuros, enquanto os interesses dos outros grupos são considerados contrários e por isso são definidos como interesses particulares. Essa é a ideologia da burguesia: o universalismo, ou seja, quando os interesses das pessoas que vivem na mesma sociedade são considerados "comuns", os capitalistas, como classe, representam tais interesses.

O universalismo se concretizou na sociedade européia logo após a Revolução Industrial. A partir daí, as normas legais da classe econômica dominante instituíram o "status" universal de indivíduos, que eram considerados iguais em sua relação com as coisas, independente da condição econômica, sendo eles vendedores ou compradores de força de trabalho.

Esta ideologia burguesa fica evidenciada na passagem abaixo:

> ***"O desenvolvimento capitalista transforma continuamente a estrutura de lugares no sistema de produção e realização do capital, bem como em outros modos de produção que passam a ser dominados pelo capitalismo. Esta influência do modo de produção capitalista nas áreas de atividade econômica gera a propriedade dos meios de produção ou da efetiva capacidade de transformar a natureza em produtos úteis".***[3]

A dominação capitalista aumenta à medida que o desenvolvimento do sistema toma conta dos meios de produção, enquanto os pequenos proprietários perdem sua autonomia.

Nessa contínua transformação à qual o autor se refere acima, desenvolve-se um fenômeno que assim pode ser descrito nas palavras de Kaustsky:

---

[3] Adam Przeworski in: Capitalismo e Social – Democracia. 1940, p. 79

> ***"A produção em pequena escala é baseada na propriedade dos meios de produção pelo trabalhador. O desenvolvimento econômico da sociedade burguesa acarreta necessariamente a destruição dessa forma de produção. Separa o trabalhador de seus instrumentos e o transforma em um proletário que nada possui. Os meios de produção tornam-se crescentemente monopólio de um número comparativamente pequeno de capitalistas e proprietários de terras".***[4]

Isso significa que os pequenos agricultores e empresários estão desaparecendo, ou seja, a partir do momento que o capitalismo se expande, os pequenos e médios agricultores e empresários vão se acabando ou se rebaixando e automaticamente tornando-se mais dependentes do processo da acumulação capitalista. E devido ao aumento da pobreza, as pessoas que produziam bens e serviços em casa, principalmente mulheres, precisam trabalhar fora e comprar os produtos e serviços que antes eram feitos no seu próprio domicílio.

A proletarização de pequenos proprietários acontece, mas não são criados lugares suficientes para que essas pessoas possam trabalhar. Alguns lugares oferecidos são de operários industriais. Segundo Kautsky, o desenvolvimento capitalista aumenta constantemente o número de operários industriais que é cada vez mais homogêneo. A criação da máquina suprime a necessidade do trabalhador qualificado, pois ela é programada para superar a qualidade do trabalho manual, além de substituir um grande número de funcionários. Com isso aumenta a mão-de-obra excedente, que causa o rebaixamento dos salários, devido à grande oferta de trabalhadores existentes. Desta forma, elimina-se a diferença de grau profissional, pois não há mais a

[4] Idem, p. 80

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

necessidade de funcionários especializados, aumentando assim a homogeneidade interna do proletariado.

O capitalismo faz com que a condição do proletariado torne-se semelhante à da população como um todo com o objetivo de igualar o salário em todos os ramos, para que os operários não tenham chance nenhuma de se tornarem independentes.

O processo de proletarização, resultante da separação dos meios de produção, gera os trabalhadores excedentes, que Kautsky coloca como a "mão-de-obra ociosa", pois tal trabalho não produz artigos necessários a uma sociedade, o que está se tornando um fenômeno comum no sistema capitalista. Isso acontece porque o capitalismo não gera empregos produtivos na mesma proporção que acaba com a pequena produção. Fazem parte da "mão-de-obra ociosa" as pessoas que, de algum modo, encontram atividades que lhes permitem a subsistência. Tais pessoas sobrevivem miseravelmente exercendo ocupações supérfluas.

Marx também afirmou que o capitalismo, ao longo do seu desenvolvimento, reduz o número relativo de pessoas necessárias para produzir e, consequentemente, resta a força de trabalho excedente que não consegue encontrar emprego produtivo. Coloca ainda que a acumulação de capital é uma condição necessária da produção capitalista que gera força de trabalho excedente, além de gerar produto excedente em ciclos de produção isolados. A partir do acúmulo de capital, as relações capitalistas de produção dominam todas as atividades econômicas. Assim, os pequenos produtores são expulsos do processo de produção através da concorrência capitalista, passando a vender a sua força de trabalho como única forma de sobrevivência. A concorrência entre os capitalistas também torna a produção independente do trabalho humano, pois visa desenvolver e introduzir inovações, para poupar mão-de-obra, e desta forma, aumentar o volume e o valor do capital.

Em sua obra Trabalho assalariado e Capital, Marx afirmou

que o produto gerado pelo capitalismo é dividido. Uma parte do lucro é apropriada pelo capital e a outra é o pagamento à força de trabalho. Porém, mesmo quando a acumulação do capital é considerada em termos dinâmicos, ou quando as condições dos trabalhadores estão melhorando, a distribuição não é justa, gerando um conflito material irreconciliável dentro da sociedade capitalista.

O lucro é uma condição necessária para o investimento em uma sociedade capitalista e dele dependem a continuação da produção, do consumo e do emprego. Sendo assim, o lucro privado é indispensável para a melhora das condições materiais de qualquer grupo na sociedade capitalista. Se não houver a apropriação do lucro pelos capitalistas, o estoque de capital esgotará, a produção cairá e então diminuirão o emprego e o consumo. Apesar de a apropriação do lucro pelos capitalistas ser necessária, não é suficiente para qualquer melhora no bem-estar material dos trabalhadores, pois os mesmos podem investir o lucro improdutivamente, não visando a um aumento da produtividade ou até mesmo consumi-lo, entesourá-lo e exportá-lo. Seria benéfico aos trabalhadores se parte do lucro apropriado fosse poupada, investida, transformada em potencial produtivo e parcialmente distribuída como remuneração a eles próprios.

No entanto, mesmo que o lucro seja bem empregado, de forma que a produção continue e o consumo aumente, os trabalhadores não têm garantia de que serão recompensados com aumento de salários futuros.

O século XX foi um período de profundo desenvolvimento do capitalismo, de urbanização e proletarização da força de trabalho, mas foi principalmente um período de mudanças, de construção dos Estados-Nações [5],

[5] Cfe. Dicionário de Sociologia de JOHNSON, Allan G. , o Estado-Nação "é uma instituição social possuidora de autoridade para gerar e aplicar PODER coletivo. É organizado em torno de um conjunto de funções sociais, incluindo manter a lei, a ordem e a estabilidade, resolver vários tipos de litígios através do sistema judiciário, encarregar-se da defesa comum e cuidar do bem-estar da população de maneiras que estão além dos meios do indivíduo, tal como, implementar medidas de saúde pública, prover educação de massa e financiar pesquisa médica dispendiosa".

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

que com o avanço do capitalismo a nível mundial vem sofrendo grandes transformações sociais, políticas e econômicas.

Iniciamos o século com um Estado absoluto e nele tudo se condensava como se ele dominasse todos os poderes da sociedade.

A partir do fim da segunda Guerra Mundial, surgem as corporações multinacionais ou transnacionais[6], nas quais se concentram o poder do capitalismo contemporâneo. Industrializaram o mundo, sendo as mais capazes e avançadas, superando as barreiras do tempo e do espaço. Em diversos setores, aproximadamente 300 corporações administram o capitalismo moderno e para alcançar seus objetivos, subvertem, capturam, desestabilizam ou mantêm os Estados Nacionais.

No Brasil, após o Golpe de Estado de 64, mudou-se a visão estadista da realidade que imperava dentro da nossa sociedade. Passou-se então a uma etapa superior, na qual a doutrina estadista já não era apresentada como Lei de Segurança Nacional.

No entanto, as relações de poder econômico, político e militar ainda estão vinculadas ao Estado, porém nascem e se definem na sociedade. Ambos, o Estado e a sociedade, são processos relativos, ou seja, resultam das ações e das vontades dos homens e dos grupos sociais.

Nessa perspectiva, entende-se por capital mundial um sistema produtivo que opera a nível de mundo, sendo liderado pelas grandes corporações que têm como aliadas, em seu processo, milhares de pequenas e médias unidades produtivas que podem estar situadas em qualquer lugar do mundo. Este é o sistema dominante no capitalismo contemporâneo, tornando a relação política-econômica um fenômeno indissociável. Nas palavras de H.

---

[6] Quanto aos termos "Corporações Multinacionais ou Transnacionais", ambos são encontrados na literatura sobre o sistema produtivo capitalista e servem para designar a mesma coisa: as grandes empresas ou indústrias que fazem parte do sistema produtivo capitalista mundial.
Caracterizam-se como não tendo mais uma "sede" como centro de investimento, pois elas se apropriam do espaço econômico, social, político do mundo e operam em função do capital mundial.

de Souza, podemos encontrar esta conclusão nos seguintes termos: *"Na literatura econômica e política moderna, finalmente estes dois absolutos estão associados: Estado e Corporações"*[7].

Isso quer dizer que, enquanto um age no campo da política, o outro age no campo econômico, mas como os dois situam-se sobre um mundo de contradições e de necessidade, o domínio do mundo pelo capital mundial, através dos Estados Nacionais transnacionalizados, é aparentemente inevitável e, em conseqüência disso, o homem tenderá a ser um agente passivo dessa lógica. Além disso, o autor afirma que as corporações também são processos que nasceram e se desenvolveram através de vitórias e impasses.

Sendo o capitalismo a forma mais avançada de produção, as corporações transnacionais são fortes à medida que o capitalismo é forte.

O critério que rege a produção capitalista mundial é a maximização do lucro, ou seja, os capitalistas se empenham constantemente para aumentar as taxas de lucros de suas empresas. Isso leva ao extremo as contradições deste modo de produção, como a concentração da riqueza e da propriedade dos bens de produção sob o controle de uma minoria, assim como o acirramento da competição entre as formas monopólicas e não monopólicas de produção e entre os grandes monopólios entre si. Desta forma, o capital mundial tende a expandir-se e superar todas as barreiras e limites nacionais.

Porém, o capital mundial dificilmente poderá alcançar a sua plenitude, devido às contradições existentes no próprio sistema.

Vejamos como isto é posto por H. de Souza:

> *"... mesmo que o sistema capitalista não fosse negado por forças políticas externas a ele, seria negado pelo seu próprio desenvolvimento, no momento em que todas*

[7] Herbert José de Souza in: O Capital Transnacional e o Estado. 1985, p. 08.

as suas potencialidades fossem levadas à sua realização completa".[8]

Essa colocação nos remete a idéia de que justamente a expansão do capitalismo pode causar a sua queda, podendo ocorrer o processo a seguir explicitado.

Tendo os proprietários dos meios de produção como meta acumular o capital, possibilita a criação de monopólios, que podem resultar na quebra dos capitalistas mais fracos. Este fato leva a uma diminuição da concorrência, os preços aumentam, e iguala-se ainda mais a massa vendedora de mão-de-obra que passa a ganhar menos. Esta lógica é um retrocesso no processo de desenvolvimento do capitalismo, uma vez que uma queda do consumo traz consigo a queda do lucro, e o sistema capitalista fatalmente poderá entrar em decadência.

Outro fato contraditório deriva dos próprios trabalhadores que, com o aumento da pobreza, poderiam perceber a desigualdade social existente entre eles e os capitalistas. Se essa questão fosse resolvida, com certeza acabaria se redefinindo o sistema.

O capital mundial precisa do aval dos Estados nacionais para poder se instalar dentro do espaço geográfico a eles pertencentes. Além disso, as corporações transnacionais necessitam de um Estado estruturado em favor da realização de seus objetivos, tendo a capacidade de estabelecer a ordem interna de acordo com a ordem internacional. Mas se o Estado atender a tais interesses, deixará de atender as necessidades da população, tornando-se repressivo:

"Cada vez mais o Estado transnacionalizado se vê impotente frente aos centros de decisão

[8] Idem. p. 12

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

econômicos e políticos que dirigem o sistema transnacionalizado".[9]

Além da desnacionalização do Estado, da perda de soberania econômica, política, cultural, tecnológica e militar, o mesmo não é beneficiado pelos projetos transnacionais desenvolvidos em seu território. Isso ocorre porque as corporações não ponderam suas decisões em favor das necessidades do país que elas exploram, pelo contrário, obrigam o Estado a colocar em prática políticas econômicas e sociais antipopulares.

A América Latina sofreu crises graves quando alguns países foram colocados a serviço das transnacionais. Temos, como exemplo, o Golpe de 1964 no Brasil, o Golpe do Chile em 1973, o Golpe de 1968 no Peru, as lutas políticas na Argentina e no México. Estes processos de transnacionalização econômica e política foram muito violentos e resultaram na morte e exilamento de várias pessoas.

Hoje existem duas concepções de mundo que se confrontam, constantemente, na realidade econômica, social e política, e até mesmo em nosso modo de pensar e de agir. Segundo Herbert, elas podem ser assim denominadas: capitalista-internacionalista e democrática. Enquanto a primeira coloca o povo como objeto da história das elites e vê o mundo como a realização do capital, a segunda tem o povo como a realização das potencialidades do homem. Na concepção capitalista-internacionalista predominam os princípios da acumulação e da ordem, o que beneficia a minoria. Esta concepção tem como lema "Segurança e Desenvolvimento". Já na concepção democrática, o lema é "Democracia para que possa haver desenvolvimento". Nela predominam os princípios da igualdade e da participação, tendo a democratização dos meios de produção como um meio para atender às necessidades fundamentais de todos os homens.

---

[9] Ibidem, p. 16.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A concepção de mundo capitalista-internacionalista emergiu com o desenvolvimento do capitalismo que, conforme citado anteriormente, se desenvolveu no interior dos Estados Nacionais e se expandiu para além de suas fronteiras, após o término da segunda Guerra Mundial. A partir daí, surge uma nova dimensão do processo produtivo capitalista em escala mundial. As Corporações Multinacionais correspondem a esta nova grandeza do capital. Nelas ocorrem os processos de internacionalização da produção e da centralização e concentração de capitais jamais observados na história moderna.

Essa expansão das Corporações Multinacionais tem modificado a economia internacional significativamente, afetando as relações políticas globais. Isso acontece porque, segundo H. de Souza, o estoque total de investimento direto das empresas transnacionais na produção em escala mundial em 1985, era superior aos US$ 200 bilhões de dólares.

Hymer [10] diz que há possibilidade de existir um sistema no qual 300 a 400 corporações multinacionais controlam 60 a 70 % da produção industrial mundial. Essas grandes empresas não só pensam em termos de economia mundial, como produzem em escala global, ou seja, processam a matéria-prima em um país, manufaturam em um segundo e comercializam o produto final em um terceiro.

Dentro desse processo produtivo mundial, o capital norte-americano tem se expandido mais do que o dos outros países, pois possui maior volume de capital e maior número de Corporações Multinacionais. Porém, considerar um país como predominante no processo produtivo mundial é não perceber o capital mundial como transnacional, como um processo produtivo que implica hoje relações de produção em escala global.

Assim como o capitalismo dissolveu as relações de produção

[10] Sephen Hyner, citado por Peter B. Evans in: National Autonomy and Economic Development. 1971, p. 676.

mais atrasadas, o capital mundial com seu sistema produtivo transnacionalizado tende a extinguir e/ou submeter à sua maneira as formas mais atrasadas de produção capitalista. Tende também a superar os limites e as barreiras nacionais para se realizar e além disso, tende a revolucionar as condições sociais e políticas, devido à nova condição e exigência advinda de um novo processo produtivo realizado num contexto internacional. Desta forma, procura dissolver a estrutura e a organização antiga do poder político a nível nacional e mundial, fazendo com que os Estados Nacionais percam sua soberania nacional e sua força econômica nacional, para que obtenham o controle hegemônico absoluto.

Para H. de Souza, quando as corporações multinacionais chegaram a este ponto, iniciou-se uma etapa superior do capitalismo moderno [11]. No entanto, a partir do momento que o sistema de capital mundial se realizar a esse nível, que é o mais elevado, não poderá desconsiderar a possibilidade de os subsistemas nacionais e os Estados o negarem por via revolucionária, mesmo que estejam submetidos ao controle do Capital Mundial.

Barnett e Müller, no livro Global Reach, citam a ótica de Maisonrouge, da IBM:

> ***"As estruturas políticas mundiais estão completamente obsoletas. Elas não mudaram nestes últimos cem anos e não se sintonizaram com o progresso tecnológico"... " Se o Estado - Nação continuar nesse ritmo acabará em breve, assim como a corporação que permanecer essencialmente nacional".*** [12]

[11] Herbert de Souza in: O Capital Transnacional e o Estado. 1985, p. 33
[12] Barnett e Müller in: Global Reach, 1973, p.19.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Porém, da mesma maneira que surgiu no passado uma forma mais avançada de produção, mas não superou as formas mais atrasadas por completo, assim também o surgimento do capital mundial e da burguesia correspondente existe e sobrevive entre as formas menos avançadas.

Karl Marx conceituou "capital" como uma relação capaz de se desdobrar, se transformar e se particularizar em diferentes elementos, mantendo-se ainda como uma totalidade. O capital, de acordo com a sua existência material, constituía-se de três elementos diferentes: trabalho vivo, material de trabalho (matéria-prima) e meios de trabalho, sendo que a união desses elementos formava o processo de trabalho.

De acordo com esse conceito marxista de capital, consideraremos o elemento força de trabalho dentro do Capital Mundial. Por serem a forma mais avançada de produção capitalista, as grandes empresas multinacionais têm uma vantagem sobre as formas mais atrasadas: a flexibilidade, ou seja, sendo o capital e a tecnologia móveis, elas podem optar pelo lugar ideal de incorporação para atuar no processo produtivo, dependendo do valor da força de trabalho vivo, da qualificação e abundância de trabalhadores.

Considerando a flexibilidade e a força do capital mundial em relação aos subsistemas econômicos e políticos nacionais, a força de trabalho, com suas poucas alternativas, está em grande desvantagem. Também devido à falta de mobilidade da força de trabalho e à sua organização fragmentada entre as fronteiras nacionais, a maior flexibilidade transnacional e o poder de tomar decisões das multinacionais predispõem o controle da negociação em favor das corporações. Elas geralmente tomam decisões fora do país onde funcionam, para que seus empregados não tenham acesso às decisões sobre seus direitos sociais e condições de trabalho.

Em alguns países capitalistas, os trabalhadores, organizados em sindicatos, conseguem negociar o valor de seus pagamentos, mas a

diferença de salários existentes no mercado, o desemprego e a desqualificação da mão-de-obra, dificultam esse processo reivindicativo. No entanto, para Herbert de Souza, esses fatores negativos não impedem o movimento operário nos países avançados, no sentido de reivindicarem seus direitos, pois ele afeta os interesses das Corporações Multinacionais, nas quais se concentram massas imensas de força de trabalho, como nunca antes observou-se na história do capitalismo. Enquanto a tendência do capital é a internacionalização, a força de trabalho está condicionada e limitada pelas condições locais e nacionais.

Com a rotatividade da mão-de-obra gerada pelo capital, para que diminua o seu valor, o trabalhador tende a ser contratado e demitido de acordo com o ciclo de produção existente numa determinada região, onde o Estado cria leis e condições que regulamentam as relações de trabalho conforme as necessidades do capital, que é móvel. Sendo assim, o trabalho vivo, que é fixo, precisa submeter-se às condições postas, por não possuir meios de locomover-se para outra região em busca de algo melhor.

Portanto, o capital mundial transforma a força de trabalho num elemento de perspectiva mundial que pode ser manipulada, explorada passivamente, conforme convier-lhe.

O elemento instrumento de trabalho, assim como os outros elementos da relação de produção do capital mundial, são direcionados a atender o seu objetivo principal que é a maximização dos lucros e o controle dos mercados que garantam o aumento da taxa de lucros.

Para alcançar seus objetivos, o capital mundial precisa dimensionar os sistemas de máquinas a níveis crescentes de produtividade e ter capacidade de articular os diferentes graus de eficiência dos sistemas de instrumentos de trabalho, que vão dos mais atrasados aos mais avançados.

O capital mundial, visando ampliar sua realização em escala global, aperfeiçoa constantemente os seus instrumentos de trabalho (meios de trabalho), com a finalidade de diversificar a produção, produzir a custos

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

mínimos, mas com excelente qualidade, a quantia relativa ao consumo mundial. Sendo assim, terá condições de competir com os produtos locais, além de aprimorar sua produção, tornando-a mais elaborada.

O rápido desenvolvimento do capital gera o problema do desemprego em escala mundial.

> ***"...O capital mundial realiza, em sua forma mais elevada a tendência ao crescimento constante do capital constante e ao decréscimo relativo e absoluto do capital variável".***[13]

Isso significa que o capital mundial tende a aumentar cada vez mais o emprego de máquinas mais avançadas tecnologicamente, passando a dispensar a mão-de-obra, pois o uso destas máquinas garante uma produção maior do que aquela conseguida através do trabalho manual. Assim, o aumento do lucro gerado pelo maquinário reforça ainda mais a tendência de automação do capital, o que provoca o aumento do desemprego a nível mundial.

O avanço tecnológico foi sem dúvida um fator responsável pelo grande e rápido crescimento do capital mundial nas últimas décadas. Como elemento do capital, a tecnologia cria condições para que a produção se dê no mundo e para o mundo. No entanto, cabe à tecnologia promover e difundir necessidades que gerem o consumo dos produtos criados pelo capital mundial, além de articular os diferentes processos de produção que se dão, simultaneamente, no mundo todo e de orientar a produção de como produzir bens universais, como: coca-cola, carros, rádios, telefones e outros.

A aplicação do elevado conhecimento científico nas relações

---

[13] Herbert José de Souza in: O Capital Transnacional e o Estado 1985, p.52.

de produção é uma característica distintiva do modo de produção capitalista. Nesse sentido, a burguesia mundial tem cada vez mais condições de negociar diretamente com os Estados Nacionais em uma posição privilegiada.

Com a grande apropriação de tecnologia, o capital mundial tende a padronizar o modo de produção de seus bens universais, mas ao mesmo tempo que qualifica os sistemas de máquinas, desqualifica a força de trabalho utilizada na produção direta. Desta forma, a máquina produz dentro de um padrão universal e mais complexo, superando mais uma vez o trabalho vivo e contribuindo para o desemprego.

Quanto à questão da organização da produção, o capital mundial não é apenas aquele que se realiza a nível global, mas também aquele que utiliza-se dos serviços de organizações administrativas (Estados burocráticos, tecnocracias), sociais e culturais (sindicatos, grupos, instituições de ensino, pesquisa, treinamento, serviços de informação).

> ***"A corporação multinacional é um microssomos onde uma organização global, para a produção global, realiza-se em seu mais alto nível: sistema de organização da força de trabalho, sistemas de comunicação e informação, sistemas financeiros, sistemas de controle e administração existem em função de uma práxis global do capital".***[14]

A transformação do elemento material de trabalho (matéria-prima) atinge o seu grau intenso na relação de produção do capital mundial, pois o desenvolvimento da ciência e da tecnologia possibilita não só explorar ao máximo as matérias-primas existentes, como também elaborar produtos de "segunda geração" das matérias-primas originárias.

---

[14] Idem, p. 56

Devido ao amplo alcance das operações do capital mundial, a apropriação das fontes de recursos naturais existentes se dá em proporções elevadas, e com isso as multinacionais têm a capacidade de produzir em maior quantidade.

Outra característica importante do capital mundial é o fato de ser o único a ter capacidade de avaliar os estoques (stoks) e estimar a demanda mundial dos materiais de trabalho a longo prazo. Por exemplo: o capital mundial, associado com os Estados Nacionais, tem o controle do processo de produção e/ou distribuição dos setores de alimentos e minerais. Os recursos financeiros aplicados na implementação e expansão do processo produtivo do capital mundial são denominados meios de pagamento, os quais servem de remuneração aos elementos da produção: tecnologia, instrumentos de trabalho, força de trabalho e matérias-primas.

Assim como a internacionalização da produção, a internacionalização do capital financeiro é primordial para o processo global, pois se as corporações multinacionais precisarem, podem tomar dinheiro emprestado em qualquer lugar do mundo. É vantajoso ter disponível recursos em escala global, porque o capital mundial pode fazer uso de seus próprios recursos incorporando a dimensão financeira à sua dimensão produtiva.

A expansão do capital financeiro global é responsável pelo crescimento do poder dos bancos. Já em 1973, um estudo do US. Senate Finance Committee, revelava que as Corporações Multinacionais controlavam U$ 268 bilhões o que significava mais de duas vezes o total de todas as reservas internacionais.[15] Esse poder financeiro pode ser facilmente ampliado de várias maneiras, como através da especulação dos diferentes valores das moedas nacionais. As corporações podem adiantar os pagamentos, quando há tendência de valorização da moeda, ou retardar pagamentos quando há

[15] Survey of Current Business, setembro 1873.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

possibilidade de desvalorização.

A grandeza das operações faz com que o capital mundial adquira e concentre montantes cada vez maiores de meios de pagamentos, o que proporciona uma maior expansão no processo produtivo global.

Somente os Estados Nacionais têm capacidade de competir com o capital mundial nessa escala. Mas ***"...nem todo o capital nacional opera em função de sistemas produtivos nacionais"***[16]. E ainda, enquanto os Estados Nacionais conseguem recursos no interior de suas fronteiras e no exterior através de outros Estados ou instituições financeiras nacionais ou internacionais, o capital mundial, além de conseguir estes recursos também ainda faz com que o Estado financie suas atividades complementares necessárias à realização do capital.

O fato de o capital mundial dispor de grande volume de meios de pagamento é devido a sua capacidade de combinar todos os elementos em função da produção em escala global.

A forma de implantação do capital mundial nas formações sociais nacionais, depende do nível de desenvolvimento do capitalismo em cada país. O capital mundial pode implantar um sistema de produção global, criando empresas (pelo capital mundial) por ele mesmo ou comprando empresas nacionais. Pode também associar-se às nações, sendo o capital nacional subordinado ao mundial ou pode integrar o capital nacional no sistema produtivo do capital mundial. A diferença entre essas formas está na autonomia, no processo, no poder de decisão e na participação nos resultados das operações do capital, existentes em pequena proporção para os capitais associados e quase inexistentes para os integrados.

Devido ao capital mundial ter em mãos o controle estratégico da produção e dos mercados, aos capitais nacionais de pequeno e médio porte,

[16] Herbert de Souza in: O Capital Trnsnacional e o Estado. 1985, p. 68.

No livro O Capital Transnacional e o Estado, o autor Herbert de Souza cita três tipos de sistemas produtivos autônomos: o grande capital nacional - pequenos e médios capitais nacionais - e as empresas estatais.

Os grandes capitais nacionais autônomos, conforme dito anteriormente, só existem nos setores produtivos secundários, os quais o capital mundial ainda não ocupou. Embora ainda exista capital autônomo e uma burguesia correspondente, sua história pode acabar logo devido à transnacionalização capitalista. Por isso o grande capital nacional tem como alternativa associar-se de forma subordinada ao capital mundial.

Quanto aos pequenos e médios capitais nacionais autônomos, também mencionados antes, se integram no processo produtivo do capital mundial como produtor de componentes, assim como produtores contratados nos setores primários. Esses capitais também são viáveis em lugares que não foram ocupados pelas corporações multinacionais, em tipos de produção que não envolvem tecnologia, mas predomina o uso de mão-de-obra direta. Por exemplo: produtos alimentícios, têxteis, produtos de couro, móveis etc. A existência e a continuação desses capitais se dá porque a demanda desses produtos é constante e, em alguns casos, crescente. Porém, não se pode descartar os riscos de tais capitais serem tomados pelo capital mundial.

A empresa estatal é o agente econômico do sistema produtivo nacional, podendo competir com o grande capital nacional ou até mesmo complementar o capital mundial ou nacional. No entanto, quando se dá o processo de internacionalização do capital em seu território, a empresa estatal sofre alterações estruturais, passando a agir em função de tal processo, pois a dinâmica do mesmo exige maior intervenção do Estado.

É imprescindível ao Estado Global que os Estados Nacionais se coloquem econômica e politicamente a serviço de seu sistema, pois o capital mundial obtém o domínio da situação através dos Estados Nacionais. No entanto, não há possibilidade de os Estados Nacionais serem superados em

função do Estado Global, mesmo que tal dominação política traga problemas para a institucionalização e legitimação do poder político nacional.

De fato, os Estados capitalistas sofrem transformações profundas que geram crises nos sistemas econômicos, sociais e políticos nacionais, quando passam a atender às necessidades de um novo período histórico, requerido pelo capital mundial. Internamente, o Estado procura conciliar os diferentes sistemas da economia (dos mais atrasados aos mais avançados) em função dos mais avançados. Além disso, o Estado precisa usar de repressão para controlar as contradições de classe derivadas do processo de produção capitalista.

Apesar de o Estado estar praticamente nas mãos das Corporações Multinacionais, esta hegemonia é um fato contraditório que está submetida às provas do processo histórico, da luta política, estando sujeito a negar-se em conseqüência das contradições que gera a nível nacional e internacional.

> ***"A nova estrutura corporativa é a culminação do processo de concentração e internacionalização que colocou a economia sob o controle de algumas centenas de empresas que não competem entre si segundo as regras tradicionais do mercado clássico".***[17]

As Corporações Multinacionais têm como objetivo principal organizar e integrar a atividade econômica ao redor do mundo, de forma a maximizar o lucro global, sendo uma estrutura na qual cada parte deve servir ao todo. Colocam ainda que a transformação estrutural da economia mundial, através da globalização, está arruinando o poder do Estado-Nação, isto é, sua

[17] Barnett e Müller in: Global Reach. 1973, p. 213.

capacidade de manter a estabilidade econômica e política no interior de seus territórios.

O processo produtivo capitalista ignora cada vez mais as fronteiras nacionais, gerando novos tipos de contradições com os Estados Nacionais.

Para Barnett e Müller, os três elementos de poder das Corporações Multinacionais são: seu capital financeiro, a tecnologia e a ideologia corporativa da economia de mercado. A fonte desses elementos e a principal causa de suas contradições advém da apropriação privada dos meios sociais de produção em escala global, passando por cima das barreiras das nações, forçando os limites das diferentes formas de apropriação capitalista existentes nos sistemas produtivos nacionais ou locais.

Os Estados-Nações, enquanto dirigentes de uma sociedade, têm consciência de que a educação é fundamental para a formação dos seus cidadãos, e principalmente, sabem que é o caminho por onde passa o desenvolvimento dos países.

Através da escola o ser humano deveria aprender a ser um indivíduo social, deveria receber noções de cidadania ao conhecer seus direitos e deveres, qual é a sua posição na sociedade e, principalmente, compreender o funcionamento do sistema em que vive.

Diante do contexto sócio-econômico de nossos dias, no qual o avanço científico e tecnológico é crescente e muito rápido, a escola, como instituição social, também precisa criar condições para atender às necessidades de formação profissional exigidas pelo mercado de trabalho.

> ***"...A tendência é que as empresas deixem de empregar um trabalhador que não pense. Não querem mais alguém apertando botões, numa produção em série. Com o avanço tecnológico. Exige-se um operário que***

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

raciocine, tome decisões e avalie a qualidade de produto"[18].

Enquanto os países que mais investem na educação possuem um nível de vida e um ritmo de crescimento econômico e cultural elevados, os países que tratam a educação com descaso, mantendo a estrutura educacional estagnada no tempo, sem adaptar-se às novas exigências da sociedade e deixando de contribuir com as classes mais necessitadas, são aqueles países atrasados, subdesenvolvidos.

A preocupação dos países, com uma educação direcionada ao futuro da nação, surgiu com a nova era que iniciou-se com a 2ª. Revolução Industrial e em função dela, a ótica tradicional que se tinha do mundo e da sociedade tornou-se cada vez mais insuficiente.

Surgiram, então, teorias educacionais que procuraram espelhar-se nas doutrinas democráticas que tinham como princípio "escola para todos".

Hoje, nesse ritmo acelerado do processo de industrialização, a educação nos países mais avançados é vista como uma instituição capaz de satisfazer as necessidades dos educandos, atingindo os ideais de progresso social. Enfim, a escola tem alcançado os objetivos educacionais que acredita válidos.

Infelizmente, o que predomina no mundo contemporâneo é a falta de preocupação com a educação e sua função social.

A cultura social não é hereditária. Ao nascer, o ser humano traz consigo somente potencialidades que serão ou não desenvolvidas ao longo de sua vida. Ele não possui um caráter, mas o constrói na convivência com outros seres. Por isso a educação é muito importante no processo de socialização do ser humano. É no meio cultural que a escola proporciona que

[18] Gilberto Dimenstein in: O cidadão de Papel. 1993, p.141

ele vai explorar suas potencialidades, vai aprender a conviver socialmente e assim formar a sua personalidade individual através dessa interação com os outros indivíduos do grupo.

> ***"Modernamente, é uma tese aceita mesmo nos círculos da chamada sociologia conservadora a de que a educação é a mola detonadora do desenvolvimento, mas que caminha simultaneamente com o crescimento econômico e com as mudanças ocorridas nos demais patamares da estrutura social"[19].***

Conforme citado acima, a educação é primordial para o desenvolvimento de uma nação, mas qualquer mudança que ocorra fora da escola, vai refletir na sua estrutura. Porém, o desenvolvimento só ocorrerá de fato, se partir da força política do Estado, pois sem recursos materiais e humanos necessários às reformas educacionais, jamais haverá o desenvolvimento da sociedade concomitante ao processo escolar.

A partir das transformações econômicas e políticas ocorridas em nosso país, que consequentemente afetaram as teorias educacionais, o Estado passou a assumir a maior parte das funções dentro da educação, como o planejamento educacional e a integração deste ao planejamento global da sociedade. Sendo assim, cabe ao governo ditar os objetivos que o sistema educacional deve alcançar, além de fornecer recursos e meios que tornam possível a efetivação desta tarefa.

Apesar de ser obrigação do Estado fornecer educação, e de que, em grande parte o bom desempenho educacional depende de sua propensão, nos países subdesenvolvidos deve-se considerar alguns fatores negativos, como: falta de recursos financeiros, precariedade de profissionais

---

[19] Moema Toscano in: Introdução à Sociologia Educacional. 1991, p. 34

de bom nível e deficiências nas instalações. Esses fatores, somando-se com o analfabetismo, evasão e repetência escolares, falta de condições de preparar quadro de profissionais em grande número e rapidamente, precisam ser superados, caso contrário a nossa estrutura educacional não poderá atender às reais necessidades e assim não alcançará o seu pleno desenvolvimento.

Conforme dito anteriormente, o questionamento quanto ao compromisso do Estado para com a educação, iniciou-se com a Revolução Industrial, que trouxe grandes mudanças na economia e nas relações sociais, desencadeando uma revolução no antigo sistema educacional; que alterou a filosofia, os conteúdos, assim como os programas e métodos da escola tradicional. A partir de então, a escola primária passou a ser oferecida para todos, sem distinção de classe social para atender à nova demanda do mercado de trabalho e as universidades, cujo ensino era basicamente "humano", direcionaram-se para a área da pesquisa e para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Houve realmente, no decorrer do século XX, um empenho das instituições educacionais para adaptar a escola às novas exigências impostas pela expansão do sistema capitalista e das indústrias. Por exemplo: criaram-se escolas profissionalizantes, cursos de alfabetização para adultos, universidades abertas, ensino pelo rádio, pela televisão e por correspondência.

Diante dessa transformação, em face da implantação do novo modelo industrial, a autora Moema Toscano levanta uma questão em seu livro Introdução à Sociedade Educacional: ***"... qual é o papel e quais as funções do Estado neste novo ordenamento?".***

Visando discutir essa questão, há duas teorias distintas e antagônicas: a teoria funcionalista e a teoria do materialismo histórico (ou Marxista).

A teoria funcionalista considera a educação como um processo social básico que somada com os sub-sistemas familiar, econômico e

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

religioso, forma o sistema social. Nela, a escola age como instrumento de transmissão de valores morais ou de controle social, visando integrar os educandos aos padrões culturais do grupo.

Essa teoria tem como objetivos:

> ***"1º. preparar as jovens gerações para o desempenho das funções essenciais à sua sobrevivência e à continuidade do processo social;***
> ***2º. Oferecer a todos, sem distinção, iguais oportunidades de ascensão social, com ênfase nas qualidades individuais de cada um"***[20].

Isso significa que a escola daria formação moral e técnica, que garantiria a subsistência de seus alunos, os quais teriam as mesmas chances de progredir profissionalmente, sem qualquer discriminação social, a partir de suas reais aptidões. A escola seria um veículo de democratização social e de consolidação do sistema capitalista, pois nela seriam treinados os governantes futuros do país, os quais teriam condições para conduzir a sociedade ao progresso e à "democracia plena". O estado seria o responsável em criar condições para que os jovens de todas as classes sociais tivessem acesso à escola. As palavras de Dewey, em seu livro Educação e sociedade, expressam essa idéia. ***"...uma democracia, ou oferece escola para todos, ou não é uma democracia".***

A **teoria do materialismo histórico** sustenta a idéia de que:

> ***"... nas sociedades capitalistas a escola se constitui como uma instituição de superestrutura ideológica que, tal como a***

[20] Idem, p. 135.

> ***religião, a família, o direito, reflete os interesses das classes economicamente dominantes e tem como função principal garantir as condições de reprodução do sistema, e , portanto, a supremacia da classe capitalista sobre as classes subalternas da sociedade"[21].***

Neste sentido, a escola nos moldes da estrutura do sistema capitalista, defende apenas os interesses da classe dominante, pois transmite a sua ideologia como se fosse uma verdade absoluta, ocultando a injusta divisão de trabalho, para que a classe desfavorecida não perceba a desigualdade social existente e continue submissa, fenômeno que se repete também dentro da escola/universidade.

De acordo com o materialismo histórico, a escola nunca seria neutra, descompromissada com a classe dominante. Ao contrário do que os funcionalistas acreditam, a escola é um instrumento do Estado que deve manter a sociedade em harmonia, com toda sua divergência e contradições sociais, a fim de garantir o monopólio da classe dominante que estipula todo o funcionamento da educação.

Para o materialismo histórico, a escola - sempre lembrando que estamos nos referindo a um tipo específico de sistema educacional, o que está a serviço do capitalismo - não contribui para a ascensão social. No máximo, o que pode acontecer é um indivíduo da classe dominada elevar seu nível social através da conclusão do curso de 3° Grau, mas isso não ocorreria em número socialmente significativo. Porém, a referida teoria afirma que não haveria possibilidade de ocorrer ascensão social somente via aparelho escolar.

Na realidade, apenas o ensino de 1°. Grau estaria ao alcance de todas as classes. Já no 2°. Grau poucos ingressariam, pois os filhos da

---

[21] Ibidem, p. 136.

classe baixa precisam trabalhar para sobreviver e por isso não freqüentariam a escola. Caso conciliassem ambos, com certeza, a escola seria a parte prejudicada. Quanto à universidade, apenas os filhos da alta classe média e da burguesia teriam acesso a ela, enquanto os poucos da minoria que terminou o 2°. Grau com dificuldade, teriam que trabalhar para concluir o curso universitário, seja através de bolsas de estudo, cursos noturnos, universidade e trabalho etc.

Bourdieu e Passeron[22] realizaram uma pesquisa na França, nos anos 60, na qual constataram que a escola possui caráter classista, pois os filhos de operários e de trabalhadores rurais representavam um número muito menor do que os filhos das camadas sociais superiores. Na universidade, o filho do assalariado tinha 0,7% de oportunidades, enquanto os filhos da burguesia possuíam 58,5%. Além disso os filhos das classes inferiores tinham notas mais baixas, maior evasão e mais reprovação.

Os estudiosos concluíram então, que a origem social define as possibilidades de escolarização, determina modos de vida e dá oportunidades de trabalho completamente diferentes.

Para que a escola fosse realmente um instrumento de promoção social e um agente de democratização, ela deveria criar condições para possibilitar a entrada e permanência dos filhos das classes de baixa renda em todos os seus níveis e graus.

Entretanto, mesmo que a escola abra espaço para a freqüentarem indistintamente, há ainda outros elementos na cultura, na ideologia e na prática política que favorecem o acesso dos filhos das classes mais elevadas e dificultam o acesso dos filhos da classe baixa à escola.

Na sociedade capitalista sempre haverá as desigualdades econômicas e culturais que separam as classes sociais, assim como os

[22] P. Bourdieu e J.C. Passeron in: Los Estudiantes y la Cultura. 1967.

privilégios de uma classe sobre as outras, a menos que haja uma modificação na base, ou seja, ***não basta que apenas a escola se modifique, mas sim a própria estrutura econômica e social que originou tais privilégios e desigualdades***.

Um país subdesenvolvido é aquele que cresceu demograficamente, mas não atingiu o desenvolvimento social, possuindo um nível de vida populacional relativamente baixo. Uma sociedade pode progredir economicamente, produzindo e consumindo muito, incrementando o mercado de trabalho, sem que esse progresso atinja o bem-estar de toda população. Isso significa que o subdesenvolvimento é uma questão mais sociológica que econômica, porém o crescimento econômico está relacionado ao avanço social.

> ***"... A regra geral é que o desenvolvimento tenha como aspecto dominante de seu processo a transformação econômica e como resultado, por excelência, o crescimento do padrão de vida da população no seio da qual ocorre o desenvolvimento"*** [23].

A passagem do subdesenvolvimento para o desenvolvimento se dá a partir do momento que os benefícios advindos do progresso atinjam a coletividade, a nação inteira. Mas quando ocorre o inverso, isto é, apenas um grupo pequeno ou uma classe usufrui dos benefícios, não há desenvolvimento social.

Qualquer pessoa pode identificar as manifestações de atraso de uma sociedade : favelas, mendigos pela ruas, crianças famintas, prostituição infantil, esgotos ao ar livre etc. Mas, para estudar o problema, profundamente, são adotados alguns critérios objetivos que permitem um

[23] L.C. Bresser Pereira in: Desenvolvimento e Crise no Brasil, 1968, p. 16.

conhecimento mais exato da realidade. Tais critérios são denominados indicadores e dizem respeito diretamente a aspectos do conjunto da vida social, sendo fixados a partir das condições de vida dos países considerados desenvolvidos e acompanham os avanços científicos e tecnológicos aplicados em favor do bem-estar da coletividade. São eles: indicadores econômicos, sociais, culturais e políticos.

Entre os principais indicadores, considerados como úteis na análise e compreensão do estado de desenvolvimento de uma sociedade estão:

a) *Indicadores econômicos:*

renda "per capita", diz respeito à concentração da renda. Nos países desenvolvidos são criados mecanismos fiscais, políticos ou econômicos para que haja transferência da renda da classe mais rica para as outras. Isso ocorre através de taxação alta de herança, imposto de renda, salário-desemprego, extensão dos benefícios sociais etc. Já nos países subdesenvolvidos quanto mais aumenta o produto interno bruto, mais as rendas concentram-se nas mãos de um grupo reduzido.

balança de pagamentos: os países subdesenvolvidos geralmente exportam bens primários (agrícolas ou minerais) e importam produtos industrializados. Considerando-se que os bens primários possuem valor baixo em relação aos industrializados, os países subdesenvolvidos vão ser eternos devedores dos outros. Isso faz com que a balança de pagamentos perca o equilíbrio, o que causa a inflação, um dos efeitos mais nocivos do subdesenvolvimento.

b) *Indicadores sociais* :

estrutura ocupacional: trata-se da forma como a população economicamente ativa é distribuída pelos três setores da produção: primário (agricultura não mecanizada, pecuária extensiva, mineração e pesca rudimentares), secundário (indústria) e terciário (comércio, prestação de serviços, funcionalismo público, ou seja, todas as atitudes que não criam nem transformam bens). Nos países desenvolvidos há predomínio de trabalhadores no setor terciário, pois a racionalização do trabalho com o avanço tecnológico diminui a necessidade de trabalhadores no setor primário, assim como a automação da máquina suprime a necessidade do setor secundário. Já nos países em desenvolvimento a maior parte da mão-de-obra encontra-se no setor secundário. Quanto aos países subdesenvolvidos a concentração de mão-de-obra se dá no setor primário. Há, também, nesses países, o crescimento exagerado do setor terciário, provocando o excesso de funcionários que são improdutivos.

explosão demográfica: é comum nos países em estado de subdesenvolvimento uma taxa elevada de crescimento demográfico. O Brasil é um país cuja taxa demográfica é uma das mais altas do mundo, o que ocasiona vários problemas sociais, pois as necessidades aumentam constantemente em termos de escolas, hospitais, habitações etc., enquanto o crescimento econômico é muito lento ou quase inexistente.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

c) *Indicadores culturais*:

estrutura educacional típica: normalmente nos países subdesenvolvidos há: altas taxas de analfabetismo adulto; evasão escolar e repetência entre as crianças de classe de baixa renda; professores e alunos com baixa produtividade; falta de professores habilitados etc.

d) *Indicadores políticos:*

grau de soberania efetiva, ou seja, os países subdesenvolvidos não possuem independência econômica, assim são dependentes políticos, não podem tomar qualquer decisão interna ou externa, sem serem pressionados pelas grandes potências.

exame dos partidos políticos; nos países mais atrasados, os partidos não possuem expressão ideológica definida nem compromisso com os reais interesses que deveria de fato representar e defender.

grau de consciência política do povo é baixo se as oportunidades de participação no processo social são escassas.

Conforme dito anteriormente, nos países denominados subdesenvolvidos, o sistema escolar geralmente deixa a desejar, não cumprindo seu papel para com as necessidades reais da sociedade.

Os teóricos do desenvolvimento colocam, que dentro do contexto das sociedades modernas, a educação não pode mais ser considerada como um simples fator de consumo da população, comparada à habitação, ao vestuário ou à alimentação, mas deve ser vista como fator importante de produção, pois é propulsora do desenvolvimento de um povo. Por isso a educação deve receber investimento para que traga benefícios futuros à sociedade.

Porém, não se acredita que o desenvolvimento de um país parta da modernização da educação. Ela discorda da tese de que o país é pobre e atrasado porque não possui um sistema educacional eficiente.

> ***"nenhum país do mundo contemporâneo se desenvolveu a partir do aperfeiçoamento puro e simples de suas instituições educacionais. Ao contrário, só a criação e o fortalecimento de uma sólida infra-estrutura econômica é que vai, não apenas permitir, mais até impor um desenvolvimento paralelo daquelas instituições."***[24]

Isso significa que todo país que inicia seu processo de desenvolvimento econômico e social também progride no seu sistema educacional, pois esse avanço é primordial, mas não suficiente o bastante.

[24] Moema Toscano in: Introdução à Sociologia Educacional, 1991 p. 179.

ANÁLISE

Temos como objetivos primordiais desse trabalho, verificar, dentro do contexto de globalização da economia qual é o papel da escola e como ela vem agindo, segundo seus agentes sociais e os materiais didáticos por ela utilizados. Além disso, observaremos como e se a escola de 2° Grau prepara o aluno para o "mundo do trabalho" ao lado do grande potencial tecnológico existente no mercado de trabalho exigente e muito concorrido. Pretendemos ainda, verificar qual é a visão da instituição "escola" perante a divergente situação sócio-econômica da sociedade e se ela pode proporcionar ascensão social.

Iremos nos referir às perguntas dos questionários em anexo apenas pelos seus números. Para melhor compreensão, caso haja dúvidas quanto aos questionamentos sugerimos os leitores os consultem nos anexos deste trabalho.

Nosso processo de análise terá como ponto inicial procurar identificar a forma de pensamento do professor-alvo dessa pesquisa, em relação aos objetivos previamente elaborados.

Nas entrevistas realizadas com professores de historia e geografia do 2° grau das escolas estaduais de Pontes e Lacerda [25] verificou-se que a maioria deles se contradiz em algumas de suas próprias respostas, vejamos:

---

[25] Os professores número 1 e 2 correspondem aos professores de história da escola "Dormevil Faria", o número 3 é de história da escola "Vale do Guaporé", o número 4 é de geografia da escola "14 de fevereiro", os números 5 e 6 são de geografia da escola "Dormevil Faria" e os números 7 e 8 são de geografia da escola " Vale do Guaporé".

No questionamento a respeito da posição da escola diante do mercado de trabalho (perg. nº 14), o professor nº 1 acredita que a escola contribui muito pouco na profissionalização do indivíduo, dizendo ao mesmo tempo que tais cursos são importantes e necessários. Coloca ainda, que a melhor maneira de "profissionalizar" um indivíduo é através da prática, porém diz posteriormente que o profissional consegue se qualificar através da escola.

Quanto a pergunta nº 8, o professor nº 2 acredita que a interferência do estado na educação é boa e segundo ele temos que trabalhar encima da proposta do governo, mas se contradiz ao afirmar que os problemas poderiam ser solucionados se o governo fosse voltado para os problemas da sociedade brasileira. Nesse sentido, caso o governo interferisse positivamente na educação será que já não tinha se empenhado em resolver outros problemas sociais ?

Quanto a profissionalização do aluno (ref. perg. nº 13), o 2º professor entrevistado acredita que a escola oferece conhecimento profissional e é a responsável pelo desempenho profissional do indivíduo, mas afirma também que a melhor forma de "profissionalizar" um indivíduo é transmitindo a ele todo conhecimento possível sobre a sociedade, política e economia. No entanto, não se refere a um conhecimento específico, que dê alguma base profissionalizante ao aluno e sim conhecimentos gerais.

Referente a perg. nº 11, o 3º professor sugere primeiramente que os problemas sociais serão resolvidos apenas através do governo, depois afirma que a solução dos problemas passa principalmente pelo povo, que escolhe as autoridades. Já quanto a perg. nº 13 ele acredita que a melhor maneira de se formar um profissional é através da experiência, no entanto, afirma posteriormente que basta uma boa educação para que o profissional seja valorizado e não tenha problemas.

Referente a perg. nº 12, o 4º professor diz que os cursos profissionalizantes são bons por qualificarem o profissional, mas também

coloca que a melhor forma de "profissionalizar" alguém é na prática. Depois disso, quanto a perg. nº 14, ele afirma que a escola não contribui na formação do aluno (para que ele possa entrar no mercado de trabalho), e em relação a perg. nº 15, ele não acredita que exista relação entre valorização profissional e educação.

O 6º professor coloca que uma boa educação traz valorização profissional e afirma ainda que a escola é fundamental (ref. perg. nº 14 e 15), isso quer dizer que a escola realmente contribui para a formação profissional do indivíduo. Porém ele também afirma que para ser um profissional capacitado, o aluno tem que ("correr atrás") buscar mais informações e prática, porque segundo ele o aluno recebe o mínimo de recurso na escola para ser um profissional (ref. perg. nº 14).

Os professores número 5, 7 e 8 não se contradisseram nas respostas.

O que os professores de história pensam:

Os três professores de história entrevistados não possuem a mesma opinião em todas as perguntas. Quanto a perg. nº 3, o professor nº 1 faz o planejamento da disciplina em conjunto com outros professores, os de nº 2 e 3 planejam suas aulas individualmente, partindo dos objetivos gerais que pretendem alcançar. Mas o nº 2 (ref. perg. nº 4), não aplica nenhum conteúdo que esteja fora de sua proposta, enquanto o nº 1 e 3 aplicam caso haja necessidade.

Referente a perg. nº 5, em relação ao questionamento sobre como os professores definem as necessidades curriculares dos alunos, os de nº 1 e 3 afirmam que não há definições objetivas sobre tais necessidades curriculares da comunidade escolar, já o nº 2 nem respondeu a essa pergunta .

Quanto a visão dos professores em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo (ref. perg. nº 6), os

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

professores nº 1 e 2 acreditam que o mesmo gera a crise econômica, causando contradições , já o nº 3 tem uma visão totalmente oposta, pois ele afirma que esse processo trás mudanças positivas constantemente.

Quanto a questão nº 7, que trata da visão do professor em comparação com a do aluno, os professores nº 1 e 2 julgam ser a mesma, por se tratar de alunos e professores da mesma classe econômica. Mas o professor nº 3 coloca que nem sempre há a mesma ótica entre ele e os seus alunos, em relação ao problema levantado.

Os três professores de história (ref. perg. nº 8), acreditam que o Estado interfere intencionalmente na Educação, porém o nº 1 acredita que isso seja ruim, porque para ele os políticos querem que a escola forme cidadãos acríticos. Já os professores nº 2 e 3 acreditam que a interferência do Estado é algo positivo à Educação, pois para eles, quanto mais interesse político nessa área melhor e colocam ainda que a proposta do governo tem que ser a base de tudo .

Quanto a pergunta nº 9, o nº 1 acredita que os alunos de 2º Grau não possuem aspirações em termos profissionais, para os professores eles freqüentam a escola apenas por tradição. Os outros dois afirmam o contrário, segundo eles a maioria aspira o progresso profissional.

Para o professor nº 1 (ref. perg. nº 10), os piores problemas sociais são: desemprego, habitação, saúde, e educação. Para o nº 2 são: diferenças sociais e racismo. Para o nº 3 são: desemprego, salário baixo e familiares. Quanto à solução de tais problemas (ref. perg. nº 11), o nº 1 julga ser via conscientização do povo, o nº 2 julga ser via governo, enquanto o nº 3 acredita ser via governo e através da conscientização do povo simultaneamente.

A visão dos professores nº 1 e 2 quanto a pergunta nº 12, em relação à questão dos cursos profissionalizantes é semelhante, pois ambos acreditam que esses cursos são importantes, mas no entanto, devem ser

ministrados por professores qualificados. O professor nº 3 acredita que tais cursos só formam profissionais no papel, ou seja, só dão o diploma, não qualidade.

Entretanto, tratando-se da pergunta nº 13, para o professor nº 1, a melhor forma de "profissionalizar" um indivíduo é transmitindo a ele conhecimentos gerais, sobre: política, economia e sociedade. Os professores nº 2 e 3 discordam disso, pois acreditam que a prática é mais eficaz do que a teoria.

Quanto ao questionamento a respeito da contribuição da escola para a formação adequada, que capacite o profissional para que ele possa competir no mercado de trabalho (ref. perg. nº 14), o professor nº 1 acredita que a escola contribui muito, sendo a responsável pela formação do aluno. Enquanto os outros dois professores acreditam que a contribuição da escola é mínima.

Na resposta à perg. nº 15, os três professores de história afirmam que há relação entre a valorização profissional e educação, colocam ainda que é através da educação que se adquire conhecimento profissional.

O que os professores de geografia pensam:

Os professores de geografia possuem idéias diferentes e semelhantes entre eles, assim como os de história.

Os professores nº 4 e 7 (ref. perg. nº 3), fazem seus planos de aula individualmente, a partir dos conteúdos trazidos pelos livros didáticos que usam em sala. Os nº 6 e 7 fazem os planejamentos em conjunto com outros professores, depois de discutirem os conteúdos e o nº 8 não respondeu essa pergunta.

Na pergunta nº 4, quanto aos conteúdos extracurriculares, os professores nº 4 e 7 não fogem (de maneira alguma) das suas propostas, mas

os demais professores de geografia aplicam outros conteúdos caso seja necessário.

Ref. a perg. nº 5, somente os professores nº 5 e 6 discutem com outros professores para definir as necessidades curriculares da comunidade escolar. Já o nº 4 as define avaliando as necessidades profissionais dos alunos, enquanto o nº 7 coloca que segue as exigências da grade curricular e o nº 8 procura apenas abordar assuntos que julga importantes e atuais.

Em resposta à pergunta nº 6, quanto à visão dos professores de geografia em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo, os professores nº 4 e 5 acreditam ser algo negativo para o país. O nº 6 coloca que o crescimento é lento e mínimo, o nº 7 afirma apenas que o processo é oscilante e o nº 8 não respondeu a questão.

Referente a questão nº 7 os professores nº 4, 6 e 7 acreditam que seus alunos não possuem a mesma visão que eles em relação aos problemas levantados em sala de aula. O restante dos professores acreditam que algumas vezes os seus alunos possuem o mesmo ponto de vista deles.

Na resposta da pergunta nº 8, os cinco professores de geografia concordam que o Estado interfere intencionalmente na Educação, sendo que só o nº 6 acredita que é uma interferência positiva, pois para ele o Estado exige preparo do professor.

Todos os professores de geografia, em resposta a pergunta nº 9, afirmam que a maior aspiração da maioria dos alunos que freqüentam o 2º grau é o diploma para conseguir um emprego devido à concorrência no mercado de trabalho.

Em relação a pergunta nº 10, quanto aos principais problemas sociais, os professores divergem pouco nas suas opiniões, pois entre os problemas, todos citam o desemprego ou a questão financeira. Somente o nº 4 e 8 mencionam a educação.

Referente a pergunta nº 11, os professores nº 4, 6 e 7 acreditam que os problemas sociais podem ser solucionados apenas via governo, já para os demais a solução deles passa pelo governo e pela escola.

Os professores nº 7 e 8, responderam a questão nº 12 afirmando que os cursos profissionalizantes seriam bons se tivessem professores capacitados para aplicá-los. Na opinião dos professores nº 5 e 6, tais cursos dão base mínima aos profissionais, já para o professor nº 4 esses cursos são bons porque qualificam os profissionais.

Quanto à melhor maneira de "profissionalizar" um indivíduo (ref. perg. nº 13), os professores nº 4 e 8 afirmam que é somente através da prática, o nº 7 coloca que é através da escola. Já o nº 6 afirma que primeiro deve ser pela teoria e depois através da prática, enquanto o nº 5 acredita que seja através da teoria e da prática simultaneamente.

Em resposta as perguntas nº 14 e 15, sobre a ótica dos professores de geografia a respeito da posição da escola diante o mercado de trabalho e a respeito da existência de alguma relação entre valorização profissional e educação são muito divergentes: o professor nº 4 acredita que a escola não contribui para a formação profissional do aluno e segundo ele a valorização profissional não tem a ver com a educação porque os cursos não são específicos. O professor nº 5 acredita que a escola contribui pouco para a formação profissional do aluno, pois para ele a educação influencia apenas na formação de idéias. Para o professor nº 6 a escola contribui, mas para o nº 7, além de contribuir para a formação profissional do aluno, a escola é fundamental. Para ambos, o nº 6 e 7, é a partir da educação que vem a valorização profissional.

O que dizem os livros:

Analisaremos a seguir três livros de geografia e um de história do 2º Grau, os quais são os materiais didáticos dos professores dessas

disciplinas, que são objeto de nosso estudo. Os livros Geografia Geral e Geografia Dinâmica e Contrastes são utilizados na escola "Dormevil Faria", já o livro de geografia Brasil: Sociedade e Espaço, é utilizado nas escolas "Vale do Guaporé" e "14 de fevereiro".

Quanto ao livro de história Toda a História, o mesmo é utilizado nas três escolas supra citadas.

No livro Geografia: Brasil Sociedade e Espaço, na página 09, o autor Vesentini cita a constante dependência tecnológica do Brasil em relação aos países subdesenvolvidos. Se um país não produz sua própria tecnologia é porque a escola tem falhado, ela não está formando indivíduos capazes de elaborar essa tecnologia.

Sendo o sistema educacional deficiente, não há condições de formar profissionais qualificados para competir nessa "guerra tecnológica", que exige uma mão de obra pensante, aperfeiçoada.

Na página 11, o livro traz a questão da divisão do trabalho, mas descreve apenas a divisão internacional do trabalho e como ela se processava na época das antigas colônias, colocando também que os países subdesenvolvidos ainda desempenham um papel semelhante na divisão de trabalho da época colonial. Desta forma, o livro não menciona a injusta divisão do trabalho existente hoje na nossa sociedade. Nesse sentido a escola não estaria cumprindo o seu papel, o que seria de "esclarecedora", ao contrário, estaria defendendo os interesses da classe econômica dominante, fazendo com que a classe desfavorecida não perceba a desigualdade social que permeia a sociedade capitalista.

De acordo com a lógica do capital mundial, as Corporações procuram se instalar em lugares onde a mão-de-obra é mais barata, porém, há alguns setores das indústrias transnacionais em que é necessária mão de obra especializada e por isso essas indústrias funcionam onde haja esse tipo de mão-de-obra, pois com o avanço tecnológico as empresas exigem

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

trabalhadores que raciocinem, tomem decisões e avaliem a qualidade do produto. Se um país não possui mão-de-obra qualificada, significa que a escola está deixando de exercer seu papel, sendo ela a instituição responsável pela formação do indivíduo a partir da lógica do capitalismo. No entanto o livro de Geografia (página 16 e 17) cita apenas que as indústrias multinacionais funcionam onde a mão-de-obra tem preços baixos, mas não explica que isso ocorre devido à mão-de-obra ser desqualificada e que a escola, como instituição social precisa criar condições para atender as necessidades de formação profissional exigidas pelo mercado de trabalho.

O livro de Geografia na página 18 conceitua "modernização" sendo o crescimento econômico dos países de Terceiro Mundo que não atingiram ainda o estado de desenvolvimento, ou seja, ainda possuem desigualdades sociais e dependência econômica. Em seguida cita as transformações que esse crescimento tem provocado; dentre elas estão: aumento percentual dos empregos nos setores secundário e terceário e diminuição no primário, diminuição progressiva dos índices de analfabetismo e a mudança progressiva no tipo de mentalidade dominante, passando de tradicional para moderna. O livro coloca também que na mentalidade moderna evidencia-se um forte desejo de melhoria da situação, investigado pela consciência de que a realidade social pode mudar com o esforço das pessoas.

Sendo o Brasil um país de Terceiro Mundo, o autor se refere à nossa realidade, no entanto a situação brasileira não é essa, pois verifica-se que os empregos no setor secundário e terceário (industrial, público, comerciário etc.) estão cada vez mais escassos. Isso ocorre porque o desenvolvimento do capital com seu avanço tecnológico, vai substituindo a mão-de-obra pelas máquinas, pois elas produzem em maior número e melhor qualidade que a força de trabalho humana.

O índice de analfabetismo também não tem diminuído, assim como a mentalidade das pessoas, não está se tornando moderna, não podemos,

nem mesmo, afirmar que as pessoas têm consciência de que a realidade social mudará a partir do esforço próprio de cada um, diante de uma sociedade tão cheia de miséria e de contradições. Além disso o livro não menciona quem contribui para a formação de tal consciência e que tipo de consciência é essa.

A escola não tem trabalhado com as questões sociais, que fazem parte do cotidiano das pessoas. Não tem explicado como funciona o sistema no qual vivemos, nem tem dado noções de cidadania para que o indivíduo saiba quais são os seus direitos e deveres dentro da sociedade.

Sabendo-se que a acumulação de capital é uma condição necessária para o desenvolvimento do capital e sendo o sistema capitalista dominante na nossa sociedade e praticamente no mundo todo, a renda tende a concentrar-se cada vez maior nas mãos de poucos e tornar-se simultaneamente escassa para a maioria da população. O livro de Geografia (página 23) trata da questão da desigualdade na distribuição da renda nacional como sendo um dos maiores problemas da sociedade brasileira, mas não explica porque isso ocorre, ocultando a dinâmica do próprio sistema econômico do país.

O autor Vesentini coloca ainda que enquanto a minoria da população tem um padrão de vida elevado, a maioria vive em péssimas condições e por isso os pais são obrigados a colocar os filhos para trabalhar porque não ganham o suficiente para o sustento de suas famílias. Porém, não refere-se que essa conseqüência do problema, acarreta o abandono da escola, pois essas crianças ao precisarem trabalhar para sobreviver, muitas vezes não tem condições de freqüentar a escola e quando conciliam trabalho e escola, essa certamente sai prejudicada, pois prevalece a necessidade de sobrevivência.

Além dos diferentes padrões de vida, o autor cita o aumento de favelas, cortiços, mendigos e de subempregados (tais como: vendedores ambulantes, camelôs, prostitutas, guardadores de carro, etc.), como conseqüência da desigualdade na distribuição de renda. Essas conseqüências

também são características do desenvolvimento capitalista, pois o capitalismo não gera empregos produtivos na mesma proporção que acaba com a pequena produção, surgindo assim a mão-de-obra excedente, ou seja, a falta de empregos produtivos faz com que as pessoas exerçam ocupações supérfluas, como as citadas pelo Vesentini em seu livro "Brasil Sociedade e Espaço".

O livro de Geografia na página 65, define: "Empresas estrangeiras ou multinacionais" de uma forma bem resumida, desconsiderando a sua grandeza, pois nelas se concentram o poder do capitalismo. Elas industrializaram o mundo sendo as mais capazes, possuindo uma tecnologia avançada a qual lhes possibilita a superação das barreiras temporais e espaciais.

Na página 72, o livro coloca que o Estado associa-se ao capital estrangeiro sem relatar o que acontece na realidade. Pois as corporações multinacionais necessitam de um Estado estruturado em favor da realização de seus objetivos, que estabeleça a ordem interna de acordo com a internacional. Assim essas grandes empresas obrigam o Estado a colocar em prática políticas econômicas e sociais antipopulares sem beneficiar o país que elas exploram.

Se o livro explicasse isso, talvez as pessoas começassem a se questionar quanto ao papel do Estado e percebessem que realmente são desprivilegiadas por leis que favorecem os interesses político-econômicos do capital mundial e da minoria, que constitui a classe dominante do país. Caso isso acontecesse, a população poderia se unir e reivindicar uma política social mais justa. Desta forma, o homem também tomaria consciência do seu papel nesse contexto e saberia o motivo da desigualdade social.

As grandes empresas multinacionais se empenham constantemente para aumentar suas taxas de lucros visando ampliar sua realização em escala global, e conforme citado acima, possuem uma tecnologia avançada, que proporciona-lhes inúmeras vantagens. O acúmulo do

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

capital é uma tendência do sistema capitalista, sendo assim, a expansão das multinacionais e seus avanços são conseqüências da apropriação da riqueza. No entanto o livro de Geografia, na página 66, coloca a evolução tecnológica exige a expansão das empresas e a criação de monopólios, sendo que o avanço tecnológico não é a sua causa e sim, uma conseqüência.

Ainda na mesma página, o livro cita alguns planos do governo, que tem como finalidade desencadear o "desenvolvimento econômico e social" do país, com projetos setoriais de combate à inflação, aumento de empregos, incentivos à indústria e à agricultura e fortalecimento das empresas privadas, mas a questão da educação não é incluída nesses projetos. Isso significa que não há preocupação do governo com a educação nesse processo que visa o "desenvolvimento econômico e social". O governo deveria ter consciência de que a educação é fundamental para a formação de seus cidadãos e que o desenvolvimento de um país passa também pela educação do seu povo. A escola como instituição social, participante desse processo, também precisa oferecer formação profissional à população, devido às exigências do atual mercado de trabalho, num contexto onde o avanço científico e tecnológico é crescente e muito rápido.

Sabendo-se que para atingir o estado de desenvolvimento é necessário que o progresso atinja a coletividade e a nação inteira em todos os sentidos, a educação de um país não pode ser algo marginal, sem importância, ao contrário deve caminhar simultaneamente com os demais setores.

Ao abordar a questão do trabalhador assalariado, o livro na página 69, coloca que ele atualmente tem vantagens sobre o escravo, como por exemplo: o trabalhador de hoje pode adquirir livremente produtos com seu rendimento, pois recebe pela força de trabalho e não pelo produto que ele cria. Além disso, ele não se sente revoltado como o escravo, podendo ser educado e se especializar. No entanto, o autor não explica o processo de alienação do trabalho. Essa alienação segundo Marx, é o resultado da posse privada do

capital e do emprego de trabalhadores por salário, um arranjo que concede a esses, pouco controle sobre o que fazem. Isso ocorre porque o sistema capitalista é organizado da maneira que separa os trabalhadores de seu trabalho, pois os mesmos, que produzem os bens de consumo não têm voz sobre o que produzir e como produzir. A alienação ocorre devido ao fato de os trabalhadores não exercerem controle sobre o que é feito com o produto que é criado por eles.

Nos sistemas alienados, indivíduos não trabalham porque experimentam satisfação, mas para ganhar o dinheiro de que necessitam para sua subsistência. Sendo assim, o trabalho alienado transforma-se em rotina, em atividade mecânica, dirigida por outras pessoas e que serve apenas como um meio para um fim. O trabalhador e seu trabalho são meramente mercadorias, compradas e vendidas nos mercados de trabalho como qualquer outra.

Desta forma, o livro didático está sendo um instrumento do Estado, via escola, que pretende manter a sociedade em harmonia, apesar de suas contradições sociais, a fim de garantir os interesses da classe dominante, para que a classe desfavorecida continue submissa e não perceba a imensa desigualdade social existente.

Ao dizer que o trabalhador não sente revolta como o escravo sentia porque pode ser educado e especializado, o autor Vesentini parece tentar consolar o trabalhador, mas quem é esse trabalhador, em que contexto ele vive, como e onde ele pode ser "educado e especializado"? Pois mesmo que a escola possibilite a freqüência de todos, há ainda outros elementos na cultura, na ideologia e na prática política que dificultam o acesso da classe baixa à escola, sendo assim, como um cidadão pode obter uma boa formação ética e profissional para ter um bom padrão de vida e assim sentir-se realizado como ser humano?

Já no livro Geografia: Dinâmica e Contrastes, de Hélio Carlos Garcia e Tito Márcio Garavelo, na página 185, o autor coloca que o setor industrial oferece oportunidades de emprego, dinamizando toda economia e toda sociedade.

Nesse sentido, os autores estão omitindo a real situação do país, pois as indústrias, em grande parte multinacionais, têm o objetivo de explorar os recursos e inclusive a mão-de-obra do país onde se instalam. Além disso, tornam o Estado repressivo, para que o mesmo estabeleça leis que atendam às suas necessidades e vão contra às da população em geral.

Assim como a outra obra analisada, esta também omite a automação, ou seja, não explica que devido ao grande avanço tecnológico o homem vai paulatinamente sendo substituído pela máquina.

No atual contexto político-econômico, as indústria fornecem empregos, mas estes não são suficientes para toda população. Prova disso é o grande número de pessoas desempregadas e a situação subhumana em que vivem. Caso a indústria fosse capaz de dinamizar a economia e a sociedade inteira, o país não seria mais subdesenvolvido, pois uma nação desenvolvida é aquela que possui uma estrutura econômica, política, social e cultural, dinâmica, em que os privilégios dos desenvolvimento atingiram toda a população.

Porém, não basta apenas o progresso econômico e o aumento do campo de trabalho, para que o país se desenvolva. É necessário que a educação caminhe ao lado do progresso das outras áreas. Ela precisa se adaptar às novas exigências da sociedade para contribuir na formação e no preparo do trabalhador, devido ao avanço tecnológico do capital mundial, conforme dito anteriormente.

Na página 192, o livro relata que as empresas médias e pequenas foram completamente tragadas pela concorrência dos grandes grupos, mas não cita quem forma esses grupos e porque ocorre esse processo.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Desta forma, o livro deixa de abordar novamente um fato decorrente do capitalismo que gera o desemprego. Trata-se da destruição da pequena produção pelo desenvolvimento econômico da sociedade burguesa.

Sendo assim, a expansão do capitalismo destrói os pequenos e médios proprietários de terras e empresários, que tornam-se dependentes do processo da acumulação capitalista, ou seja, tornam-se proletários.

O referido livro relata ainda na página 190 e 191, a Revolução Industrial ocorrida em 1964, quando Juscelino Kubitschek abriu as fronteiras do Brasil para a penetração de capitais estrangeiros, criando incentivos cambiais, tarifatórios, fiscais e creditícios que atraíram os investimentos das empresas transnacionais para o país. A entrada dessas empresas impõe novos hábitos de consumo ao país e intensifica a dependência econômica e tecnológica do Brasil em relação às grandes potências.

Porém, o livro não coloca que o Estado financiou a entrada das multinacionais, criando toda uma infra-estrutura para abrigá-las. Para facilitar e garantir o funcionamento delas, criou também algumas empresas estatais (como a Petrobrás, Eletrobrás, as Centrais Hidrelétricas do São Francisco e outros) e construiu várias rodovias, tudo em função do estabelecimento das multinacionais. Não possuindo recursos financeiros próprios para bancar tudo isso, o Brasil emprestou dinheiro de outros países e criou a dívida externa que continua pagando até hoje.

Nas páginas 249 e 250, o livro coloca que as exportações realizadas pelo Brasil podem ser conseqüências de decisões do capital internacional, pois as mesmas, sediadas também no país, podem visualizar melhores rendimentos exportando através de suas filiais no país, devido à criação de infra-estruturas que atendem ao processo exportador. Traz ainda que as exportações brasileiras em 1993 foram direcionadas, em sua maior parte, para a Europa e os Estados Unidos, que, em conjunto, importam cerca de 50% do total exportado pelo Brasil.

Isso demonstra a grande dependência econômica e tecnológica do Brasil em relação aos países desenvolvidos. Além disso, mostra o empenho do Estado em criar condições que favoreçam o funcionamento das empresas transnacionais, tanto que elas garantem maiores rendimentos exportando através de suas indústrias situadas no Brasil.

Na página 236, lemos que num país como o Brasil, onde o crescimento da produção das mercadorias é bastante intenso, e onde se movimentam milhões de toneladas de cargas. Coloca também que houve concentração de investimentos no setor rodoviário (cerca de 80%), o que gerou o encarecimento dos produtos transportados (pois o frete rodoviário é mais elevado que os outros tipos de transporte) e o alto gasto com manutenção das estradas.

No entanto não diz de maneira nenhuma que a construção de várias rodovias visavam a circulação e o escoamento de produtos das empresas multinacionais dentro do país.

Já na página 243, o livro menciona novamente a questão do transporte, colocando que em 1950 cresce a importância das rodovias no Brasil, devido ao advento da indústria automobilística. Mas não cita que as multinacionais (Ford, Volkswagem, Fiat e outras) estão sendo beneficiadas, pois são elas que produzem os carros e caminhões que rodam nessas rodovias.

Na página 193 o livro relata de forma clara que a mão-de-obra é um fator decisivo tanto para as empresas que utilizam grande número de trabalhadores quanto para as que requerem trabalho altamente qualificado, de nível universitário. Muitas empresas de ramos de ponta da informática, biotecnologia, materiais supercondutores, etc. localizam-se junto a centros universitários de renome ou institutos de pesquisas avançadas.

Isso ocorre porque as multinacionais possuem flexibilidade, ou seja, elas podem levar seu capital e tecnologia para onde houver menor valor da força de trabalho, maior qualificação e abundância de trabalhadores.

Sendo assim, o fato de as multinacionais instalarem suas indústrias nessas cidades que possuem universidades, vem ressaltar o papel da escola enquanto formadora de mão-de-obra qualificada.

Sabendo-se que o Estado cria leis e condições que regulamentam as relações de trabalho conforme as necessidades do capital, o trabalho vivo, que é fixo, precisa submeter-se às condições postas, por não possuir meios de locomover-se para outra região em busca de algo melhor. Sendo assim, o capital mundial pode manipular, explorar a mão-de-obra conforme convier-lhe. Desta forma é imprescindível que o trabalhador tenha alguma formação profissional para que ele seja um pouco valorizado dentro desse contexto de globalização da economia, porém, os Estados-Nações, mesmo tendo consciência de que a educação é fundamental para a formação moral dos cidadãos, e principalmente, para a formação profissional, não trabalha politicamente para que isso aconteça. Além disso, segundo a teoria do materialismo histórico, o Estado, via escola, procura manter a sociedade em harmonia, com toda sua divergência e contradições sociais, a fim de garantir o monopólio da classe dominante.

O livro Geografia Dinâmica e Contrastes, na página 210, também afirma que o emprego no setor primário vem diminuindo em termos absolutos, desde a década de 60. Coloca ainda que "...Vinculando a produção agrícola ao mercado e substituindo o homem pela máquina, a indústria e a cidade ajudam a impor padrões econômicos capitalistas ao campo, acelerando a transferência da população para as cidades".

Nesta passagem entende-se que a indústria e a cidade são responsáveis pela diminuição de emprego no campo e pela migração do homem para os centros urbanos. O livro não explica novamente o que está por trás desta indústria, não esclarece que esse processo todo de transformação das sociedades ocorre ao desenvolvimento do sistema capitalista e às operações

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

das empresas multinacionais, que contam com um maquinário altamente avançado.

O livro também não relata que o aumento da dominação capitalista, com o desenvolvimento do sistema, toma conta dos meios de produção, tirando a autonomia dos pequenos proprietários. Sendo assim, as pessoas da zona rural muitas vezes vendem ou abandonam, suas pequenas propriedades e mudam-se para a cidade em busca de empregos, formando as favelas.

Ao abordar a questão das favelas, o livro coloca que essa forma de moradia, opõe-se à lógica capitalista, uma vez que elimina a comercialização do solo urbano, revela as características contraditórias do crescimento econômico baseado na concentração da renda, o qual exclui a maior parte da população.

Entretanto, não há explicação sobre o real motivo dessas contradições econômicas nem sobre o que causou essas preocupações de terras que constituem as favelas. No livro, o fato só está relacionado ao capitalismo porque os terrenos nas favelas não são vendidos, mas simplesmente ocupados.

O livro Geografia Geral, de Reinaldo Scalzaretto, nas páginas 21 e 22, sugere que o capitalismo resolva, num futuro próximo, a crescente desigualdade de padrão de vida entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, além das diferenças de renda dentro dos próprios países desenvolvidos. Isso significa que o capitalismo deveria ir contra a sua própria lógica, a qual visa apenas o lucro o acúmulo do capital.

Logo em seguida, o livro coloca que a resolução desses problemas é uma questão política e econômica do Estado, pois nem o socialismo do passado nem o atual capitalismo, ainda não conseguiram assegurar o bem-estar de toda população.

Desta forma o livro se contradiz, podendo causar uma confusão ao leitor, e assim deixa de cumprir sua real função, que seria de

informá-lo que o capitalismo jamais resolveria o problema da desigualdade social, porque não é próprio dele a resolução do mesmo, uma vez que o acúmulo de capital é uma condição necessária da produção capitalista, e se ele abrisse mão de uma parte maior de seu lucro, em benefício da melhoria de qualidade de vida do trabalhador, isso certamente implicaria em prejuízo ao sistema.

Conforme citado na nossa fundamentação teórica na página 13, segundo Marx, é a partir do acúmulo de capital que as relações capitalistas de produção dominam todas as atividades econômicas. Assim, os pequenos produtores são expulsos do processo de produção através da concorrência capitalista, passando a vender sua força de trabalho por um pagamento injusto como única forma de sobrevivência. Sendo assim, a busca pelo acúmulo de lucro é justamente a causa dessas enormes diferenças na distribuição de rendas.

O livro em análise, na página 191, também aborda a questão da dependência econômica e tecnológica dos países subdesenvolvidos. Coloca que há dependência interna desses países, com relação a empresas transnacionais, que controlam e exploram importantes recursos naturais, além de dominarem a organização da produção e do mercado. Coloca ainda que há dependência externa com relação ao capital e a tecnologia, havendo um estrangulamento das estruturas econômicas tradicionais.

Isso significa que a questão da dependência econômica e tecnológica, faz com que o Estado deixe de atender as necessidades sociais da nação para atender os interesses político-econômicos das grandes empresas multinacionais.

Quanto à educação, na página 204, o livro traz uma crítica ao sistema educacional, colocando que a simples alfabetização não habilita o cidadão a acompanhar os constantes avanços técnicos e científicos da era industrial que requerem mão-de-obra cada vez mais qualificada. Porém, o

livro não explica que o Estado, enquanto dirigente do país é responsável pela educação. Pois o bom desempenho da escola também ocorre através da força política do Estado, da sua disposição em fornecer, acima de tudo, recursos materiais e humanos necessários ao funcionamento da mesma. Além disso, seria conveniente ao sistema que o Estado adaptasse a escola às novas exigências impostas pela expansão do sistema capitalista, para que cumprisse de forma satisfatória a sua função de formadora de mão-de-obra qualificada ao mercado de trabalho.

Na página 200, o livro Geografia Geral diz que: "Qualquer política de desenvolvimento deve ter como requisito básico a criação de condições para a acumulação de capital, para que os países possam financiar com recursos próprios seus programas de modernização específicos".

Desta forma, o livro sugere que um país desconsidere o lado social e priorize o desenvolvimento do sistema capitalista, pois através da expansão das indústrias, com o acúmulo de capital, acentua-se contradições dentro de uma sociedade, como a miséria de muitos e a riqueza de poucos.

Finalmente no livro de história Toda a História de José Jobson de A Andrade e Nelson Piletti na pág. 324 assim como o livro de geografia Dinâmica e Contrastes, também aborda os objetivos econômicos do governo a partir de 1.964. Entre os principais estão: fazer o país se desenvolver; controlar a inflação através da contenção de crédito e dos salários; diminuir as diferenças regionais, incentivar as exportações a atrair capitais estrangeiros, oferecendo possibilidades de bons lucros e de estabilidade política .

Logo após citar os objetivos, o livro relata que os militares realmente atraíram capitais estrangeiros e incentivaram as exportações no país, mas não diminuíram as diferenças regionais nem controlaram a inflação.

Assim como o livro de geografia Brasil Sociedade e Espaço, o de história, ora em análise, não menciona claramente que o Estado endividou-se e pôs em prática uma política anti-social para beneficiar as empresas

multinacionais e criar infra-estrutura para recebê-las. Apesar de subsidiar a entrada das empresas multinacionais no país, o Estado não obtém lucros, pois o grande capital mundial não pondera suas decisões a favor do país que explora.

Ainda em relação aos objetivos constatamos que, assim como nos demais livros analisados, o governo trata a educação com descaso, pois nos referidos objetivos que visam o desenvolvimento do país, a educação sequer está incluída, como se ela não fosse fundamental para a formação do cidadão.

Na pág. 325, o livro coloca que houve um "milagre" no período áureo da ditadura militar, entre 1968 e 1973, pois a economia brasileira cresceu 11% ao ano. Coloca ainda que esse crescimento econômico resultou de vários fatores, como: arrocho de salários, grandes investimentos estatais, taxas de juros internacionais baixas, grande endividamento externo, público e particular e participação das multinacionais.

Mas, por volta de 1974 começou a crise mundial, que no Brasil foi mais grave, pois os países dependentes sofrem mais rapidamente as conseqüências da crise do resto do mundo, devido à sua situação interna. Essa política de desenvolvimento causou o endividamento do país com o exterior, aumentou a concentração de renda, despencou os salários e gerou um número de desemprego jamais visto antes. Isso mostra novamente a interferência do Estado, que visando atingir o desenvolvimento do país prejudicou a sociedade e beneficiou apenas o capital estrangeiro .

O golpe de Estado de 64, no Brasil, mudou a visão de Estado que se tinha dentro da sociedade, pois a partir desse momento, o país foi colocado a serviço das transnacionais (do capital mundial). Nesse processo de transnacionalização econômica e política houve muita violência, morte e exilamento de várias pessoas.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
BIBLIOTECA

Na pág. 327, o livro refere-se ao projeto que os militares tinham em mente, colocando que: "Para sustentar tais projetos os militares deveriam ter poderes excepcionais nas mãos. Por isso apelaram para a legitimidade revolucionária e se atribuíram tais poderes, mediante Atos Institucionais".

Esse autoritarismo vivenciado no campo econômico e político se reproduziu na educação, pois a partir do golpe militar, o Estado passou a ditar as normas e regras educacionais, fazer planejamentos e passou até mesmo a influir sobre a postura dos professores.

O livro de história na pág. 326, refere-se ao governo de Juscelino K. no Brasil, da mesma maneira que o livro de geografia Dinâmica e Contrastes, ou seja, não explica de forma clara o envolvimento do Estado e as conseqüências que tal envolvimento trouxe para nossa nação.

Na pág. 402, o livro coloca que na década de 70, o governo tentou convencer a sociedade de que a poluição era preferível a miséria, pois somente o que importava era o crescimento econômico do país. Isso significa que além de o governo incentivar a agressão à natureza não criou as condições necessárias ao desenvolvimento.

Logo em seguida, o livro afirma que a degradação ambiental é um dos fatores que reforça a imagem do Brasil como país subdesenvolvido. Afirma ainda que esgotos e resíduos industriais venenosos contaminam rios e litorais, comprometendo a saúde das populações urbana e rural. Mesmo após a agressão à natureza ser considerada crime com a constituição de 1988, o solo, os rios continuam sendo poluídos e o desmatamento ainda está acontecendo.

Ainda na mesma pág., o livro cita que interesses econômicos poderosos, a ação governamental fraca e a ausência de cultura ecológica impedem um aproveitamento mais equilibrado dos recursos naturais. No entanto, o livro não relata que as multinacionais representam grande parte desses interesses econômicos poderosos e que suas indústrias são as maiores

poluentes da natureza e exploram os recursos naturais de forma desenfreada. Além disso, o governo não pode exigir muito delas quanto a essa questão, pois o país é dependente econômica e tecnologicamente dos países desenvolvidos.

Quanto a questão da ausência de cultura ecológica, a escola seria a instituição responsável por formar uma consciência ecológica nas pessoas e explicar porque, como e quem explora e polui a natureza. Se não há essa consciência nas pessoas é porque a escola tem falhado em mais um ponto. Mas, conforme mencionado anteriormente, nosso sistema educacional visa atender os interesses do Estado, o qual está subordinado a classe dominante, desta forma, talvez não seja interessante para ele, denunciar a despreocupação com a natureza por parte das multinacionais.

Na pág. 386, o livro de história coloca que os regimes autoritários foram apoiados por largas parcelas da classe média, que não pretendiam perder os privilégios adquiridos no período anterior a 1960.

Isso não deveria acontecer, porque a classe média constitui a elite pensante, nela se concentram a maioria dos intelectuais da sociedade, desde aquela época. Sendo assim, a classe média provavelmente tinha consciência de que o desenvolvimento da sociedade brasileira poderia não se realizar através da dependência econômica e de forma autoritária, mas através da democracia. No entanto, aderiram à política anti-popular para defender seus interesses, sem saber se realmente seriam beneficiados.

O livro em análise veio reafirmar fatos como: a hegemonia econômica das multinacionais (principalmente as norte americanas), a dependência econômica e tecnológica e o elevado número de desemprego, os quais foram constatados no decorrer das análises dos livros de geografia.

O livro de história é mais claro que os demais analisados quanto à questão da distribuição de renda, pois na pág. 400, afirma que: "1% da população economicamente ativa com trabalho remunerado, cerca de 650.000 pessoas, concentrou 15,9% da renda nacional. Os 10% mais pobres

cerca de 6,5 milhões de pessoas, ficaram com apenas 0,7% da renda. Já os 5% mais ricos aumentaram sua participação na renda do trabalho de 33% para 39% entre 1981 e 1989".

O livro traz todos esses dados, mas não explica que essa distribuição de renda é decorrente do desenvolvimento do sistema capitalista.

Considerando-se que num país desenvolvido os progressos econômicos devem alcançar a coletividade, o relato acima prova que os planos de desenvolvimento do país não deram bom resultado, pois somente uma pequena parcela da população usufrui de um alto padrão de vida, enquanto a maioria passa necessidades.

Um pouco mais adiante o livro coloca que: "O país dispõe na atualidade de uma forte base industrial e capacidade tecnológica considerável, mas o desenvolvimento está travado pelo excessivo crescimento do Estado e de sua atuação na economia , pela excessiva concentração de renda em pouquíssimas mãos".

Conforme já mencionamos antes, o Brasil ainda importa tecnologia por não a possuir. Sendo assim, o livro cometeu um equívoco. Ao afirmar que o país não está se desenvolvendo, devido ao poder de intervenção do Estado na economia, o livro não explica que tal intervenção não tem favorecido o próprio país para favorecer o capital mundial. Por isso acentuam-se cada vez mais as diferenças sociais, através do acumulo de capital, que o autor cita como empecilho ao desenvolvimento.

Já na pág. seguinte, o livro afirma que os avanços tecnológicos do Brasil ainda significam pouco , mas o governo está aumentando o investimento nas pesquisas científicas e tecnológicas. Desta forma, o livro se contradiz, pois acabou de afirmar que o país possui uma capacidade tecnológica considerável.

Retornado a questão educacional, na pág. 400 e 401, o livro em análise relata que a situação da educação no Brasil é crítica, afirmando que

um quinto da população acima de 7 anos de idade é analfabeta e apenas 15% da população adolescente freqüenta o 2°. Grau. Logo em seguida, afirma que o país continua gastando pouco e mal em educação.(IBGE – 1989).

Esses dados estão reafirmando de forma bem clara, o que os livros de geografia afirmaram, ou seja, estão comprovando a falta de preocupação do governo em relação à educação e a sua função social, pois se houver alguma mudança na área da educação, ela também deve partir do Estado, sendo que ele é o responsável a fornecer educação e é ele que dita os objetivos que o sistema educacional deve alcançar.

Ainda na pág. 401, o livro em análise afirma que o mais grave é o fato de o melhor ensino de 1° e 2° grau ser oferecido por escolas particulares, pagas e inacessíveis aos pobres. Assim os desfavorecidos não têm acesso aos melhores cursos de 3° grau, que são gratuitos, porque não fizeram um bom 2° grau. Sendo assim, a pobreza impede o acesso ao bom ensino, e a falta de boa educação gera mais pobreza.

Isso mostra que a escola realmente não é um instrumento de promoção social, nem um agente de democratização, pois ela não é capaz de criar condições que possibilitem a entrada e a permanência da classe de baixa renda em todos os seus níveis e graus. Mas, ainda que a escola abra espaço para todos, existem também fatores culturais, ideológicos e políticos que favorecem o acesso da classe dominante e dificultam o da classe baixa à escola.

Em relação ao fato de a educação ser a causa ou a conseqüência da pobreza, os estudiosos Bourdieu e Passerom acreditam que a origem social define as possibilidades de escolarização, determina modos de vida e dá diferentes oportunidades de trabalho. Desta forma, a educação é a conseqüência da pobreza, pois conforme o seu nível sócio-econômico, você terá mais ou menos chances de acesso e permanência à escola e de acordo com essas chances serão as suas oportunidades de emprego .

Na pág. seguinte, o livro em análise coloca que a história brasileira recente permite que se afirme que a democracia é o caminho para o desenvolvimento. Porém, não podemos afirmar que a democracia seja e redenção de todos os problemas da sociedade, ela pode ser um dos caminhos para se alcançar o desenvolvimento da nação, já que os progressos precisam atingir o todo.

Um pouco mais adiante, o livro afirma que as elites dirigentes devem convencer-se de que um país onde a maioria da população é ignorante e subnutrida não tem futuro algum; de que a desigualdade social extrema bloqueia o crescimento econômico e de que as discriminações sociais comprometem a plena incorporação do conjunto da sociedade a caminho do desenvolvimento.

Ao fazer essas afirmações, o livro fala sobre o caminho que pode levar o país ao desenvolvimento, mas o estado de desenvolvimento só será alcançado através da modificação da estrutura educacional do país, vinculada a uma profunda mudança na estrutura econômica e social que originou tantos problemas sociais e tanta desigualdade econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à abrangência do tema, o mesmo certamente deveria ser mais explorado quanto às questões levantadas a respeito do atual sistema capitalista e seu contexto global em relação à instituição "escola " e a sua função social. Porém o tempo nos é um tanto curto para levarmos este estudo adiante e nos aprofundarmos nestas questões complexas a que nos referimos no decorrer do trabalho.

Entendemos que uma temática como a que nos propomos refletir merece aprofundamento ímpar, que efetivamente não nos foi possível neste trabalho, que por sua vez não nos exime de procurar investigar de forma mais científica possível o objeto.

Entretanto, mesmo situando-nos na superficialidade do tema, acreditamos ter contribuído um pouco na discussão de uma problemática tão abrangente e importante, pois apesar das limitações conseguimos chegar a alguns pontos que julgamos relevantes.

Após termos realizado esses estudos e de termos analisado entrevistas e materiais didáticos, foi-nos possível chegar a algumas conclusões provisórias.

Partindo-se do contexto de globalização da economia, podemos afirmar que a humanidade está unificada no sistema capitalista, mas não de forma homogênea, pois as desigualdades nunca estiveram tão acentuadas entre os povos da terra.

Além das desigualdades entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, existem ainda as desigualdades dentro de uma mesma sociedade, como é o caso do Brasil e seu estado de subdesenvolvimento, pois

é um país que cresceu demograficamente, mas não atingiu o seu desenvolvimento social, possuindo um nível de vida populacional relativamente baixo.

Conforme mencionamos no decorrer da fundamentação teórica o sistema predominante é o capitalista e ele é o responsável, em grande parte, pelas contradições presentes na nossa sociedade. Com o surgimento das corporações Multinacionais, através do processo de transnacionalização da economia, a concentração da riqueza e da propriedade dos bens de produção estão cada vez mais sob o controle de uma minoria, pois os capitalistas se empenham constantemente a fim de aumentar o lucro para aumentar o capital.

Considerando que a Globalização da economia e o sistema capitalista são processos quase irreversíveis e que a situação da maioria da população, que já é miserável, tende a piorar, seria necessário, ao menos, que tivessem acesso e condições de permanecer na escola, e a mesma, como instituição social deveria criar tais condições.

Através da escola o ser humano deveria aprender a ser um indivíduo social, deveria receber noções de cidadania ao conhecer seus direitos e deveres. Seria essencial que ela esclarecesse ainda como funciona o sistema em que vivemos e qual é a nossa posição na sociedade.

Diante do atual contexto sócio-econômico, como já visto, no qual o mercado de trabalho está cada vez mais concorrido e exigente, devido à revolução técnico-científica gerada pela potência das multinacionais, a escola deveria criar condições para atender as necessidades de formação profissional exigidas pelo mercado.

Porém, a escola não tem atendido aos interesses do Estado transnacionalizado, nem está contra a ótica do capitalismo moderno, pois não tem formado profissionais nem cidadãos politizados.

Podemos perceber, através das entrevistas que a maioria dos professores não possui uma opinião formada sobre o papel da escola de 2°.

Grau, pois acreditam que a escola não dá formação profissional para o aluno e que a prática é fundamental. Porém, afirmam que a escola dá valorização profissional. Sendo assim, que tipo de formação a escola vem oferecendo se para os próprios professores a prática é mais relevante? A escola seria então pouco válida, já que serve apenas para dar "status" à classe dominante, que é a maioria a frequentá-la.

No entanto a escola tem deixado de ser eficiente para os que realmente precisam dela, os filhos das classes menos privilegiadas, que devido à posição social dependem mais da escola, pois precisariam receber alguma formação técnica e moral para ter uma chance de emprego nesse mercado de trabalho atroz.

Apesar de o Estado ter consciência de que a educação é fundamental para a formação dos seus cidadãos e um caminho para o desenvolvimento do país, ele continua fazendo da escola um instrumento para manter a sociedade em harmonia, mesmo com toda sua divergência e contradições sociais, para garantir o controle da classe dominante.

O Estado tem sido tão persuasivo ao tentar disfarçar a complexidade dos problemas sociais, que alguns professores acreditam que sua interferência na educação seja algo positivo e seu plano deve ser seguido como base. Isso significa que existem professores pouco esclarecidos sobre o que se passa no atual contexto do país e por isso a escola deixa de desempenhar seu papel enquanto formadora de cidadãos críticos. Como alguém que não possui uma visão clara a respeito da situação sócio-econômica do país, pode despertar o senso crítico nos alunos e levar em conta suas reais necessidades de educando?

A deficiência encontrada nos materiais didáticos utilizados no 2°. Grau também nos indica que a escola tem procurado manter a classe dominada submissa e acrítica. Pois além de omitir o porque das desigualdades sociais, as relações de trabalho, o funcionamento do sistema capitalista a nível

nacional e mundial, a dependência econômica e tecnológica, a política anti-social exercida pelos Estados em função das Multinacionais (do capital estrangeiro), o livro às vezes distorce os fatos para não apontar o real motivo deles.

Seria excelente se a escola pudesse satisfazer as necessidades dos alunos, dando importância às questões sociais, que dizem respeito diretamente aos mesmos, assim como, se ela desse um preparo técnico, de acordo com as necessidades do mercado. Desta forma, ela poderia também ser um instrumento de ascensão social e poderia atingir os ideais de progresso social. Para que isso realmente acontecesse a escola precisaria abrir espaço para a entrada e a permanência de todas as classes sociais em todos os seus graus e deveria adaptar-se às novas exigências da sociedade, contribuindo principalmente com as classes mais necessitadas.

Porém, essa reforma educacional não seria suficiente para que a sociedade se transformasse em uma nação mais humana, sem desigualdades econômicas e culturais. Posto isso, acreditamos que seria necessário que o sistema sócio-econômico fosse repensado e reestruturado para que o país pudesse atingir o estado de desenvolvimento, tomando como princípio a justiça social.

UNEMAT
Campus Universitário de Diamantes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

BIBLIOGRAFIA:

ARRUDA, José Jobson de A. e PILETTI, Nelson. Toda a História. 6ª ed., Ática : SP, 1996

DIMENSTEIN, Gilberto. O cidadão de papel. Ed. Ática : SP, 1993.

GARCIA, Hélvio Carlos e GARAVELLO, Tito Márcio. Geografia Dinâmica e Contrastes. 7ª ed., Ed. Scipione : SP, 1995

JOHNSON, Allan G. Dicionário de Sociologia. Jorge Zahar Ed. : RJ, 1995

PRZEWORSKI, Adam. Capitalismo e Social-Democracia. Ed. Cia. das Letras : SP, 1991.

SCALZARETTO, Reinaldo. Geografia Geral. 7ª ed., Ed. Scipione : SP, 1993

SOUZA, José Herbert de. O capital transnacional e o Estado. Ed. Vozes : Petrópolis, 1985.

TOSCANO, Moema. Introdução à Sociologia. Ed. Vozes : Petrópolis, 1991.

VESENTINI, José William. Brasil: Sociedade e Espaço. 4ª ed., Ática : SP, 1996.

Campus Universitário de Pombal e Lagoa Seca - PB
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
BIBLIOTECA

ANEXOS

Professor nº 1

QUESTIONÁRIO

1- Que disciplinas você leciona?
2- Há quanto tempo?
3- Como é feito o planejamento anual da disciplina?
4- Existem conteúdos extra-curriculares que são lecionados? Você foge da proposta? Como?
5- Como são definidas as necessidades curriculares da comunidade escolar?
6- Qual é a sua visão em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo?
7- Normalmente a sua visão em relação ao problema levantado é a mesma dos seus alunos? Como você percebe isso?
8- Você acredita que o Estado interfere intencionalmente na Educação? Você acha que isso é bom ou ruim? Por quê?
9- Quais são as maiores aspirações em termos profissionais dos alunos? Eles estudam apenas apara conseguir o diploma para arrumar emprego ou para obter progresso profissional?
10- Quais são os principais problemas sociais que você percebe na nossa sociedade? Comente sobre eles.
11- Por onde passa a solução deles?
12- Qual é a sua opinião sobre os cursos profissionalizantes?
13- Qual é a melhor maneira de "profissionalizar"um indivíduo?
14- Qual é a posição da escola diante do mercado de trabalho? Ela contribui ou não?
15- Na sua ótica existe alguma relação entre valorização profissional e educação? Justifique.

1

2

3- /

4

até pra pôr na

5

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

6

7

RESPOSTAS TRANSCRITAS DO QUESTIONÁRIO:

Professor nº 01

1. História.
2. 14 anos
3. É feito uma reunião entre professores de cada disciplina, no início de cada ano.
4. Sempre que surge algum assunto é feito uma certa discussão em sala de aula, mas não chega a ser incluída como parte do conteúdo registrado. Talvez até por falha nossa mesmo, como professor. Dentro do possível, eu procuro trabalhar a interdisciplinariedade.
5. Não existe uma definição bastante objetiva, em se tratando das necessidades da comunidade escolar. Eu acho que deveria ser feito muito mais reuniões entre os professores para discutir esse assunto, o que não é feito. Prega-se muito na teoria sobre essa necessidade, mas na prática não é fewito nada.
6. Essa abertura econômica ainda está muito aquém das necessidades das populações mais carentes.
7. Geralmente é a mesma, pois a maioria dos meus alunos são assalariados ou filhos de assalariados como eu.
8. O Estado interfere intencionalmente na educação, sim. E isso é ruim, pois os políticos; no meu modo de ver, estão querendo, cada vez mais uma educação deficitária e que o povo não consiga Ter um senso crítico, para enxergar suas falcatruas.
9. Eu acho que a maioria estuda porque é uma tradição, ou porque os pais querem, não existindo, na maioria das vezes, uma consciência do educando, quanto à necessidade do estudo.
10. Emprego; saúde, educação, habilitação, etc. Falta tudo isso.
11. Há conscientização das pessoas para que os futuros políticos não cometam tantos abusos.
12. Eles são necessários e importantes, desde que existam professores e empresas onde o aluno, além de fazer seus estágios tenha um lugar garantido para trabalhar no futuro.
13. Na prática.
14. Eu acho que hoje a escola contribui muito pouco.
15. Sim. Quanto mais o profissional se qualificar ou, se especializar ele se valorizará mais, e isso se consegue através do estudo.

Professor nº 2

QUESTIONÁRIO

1- Que disciplinas você leciona?
2- Há quanto tempo?
3- Como é feito o planejamento anual da disciplina?
4- Existem conteúdos extra-curriculares que são lecionados? Você foge da proposta? Como?
5- Como são definidas as necessidades curriculares da comunidade escolar?
6- Qual é a sua visão em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo?
7- Normalmente a sua visão em relação ao problema levantado é a mesma dos seus alunos? Como você percebe isso?
8- Você acredita que o Estado interfere intencionalmente na Educação? Você acha que isso é bom ou ruim? Por quê?
9- Quais são as maiores aspirações em termos profissionais dos alunos? Eles estudam apenas apara conseguir o diploma para arrumar emprego ou para obter progresso profissional?
10- Quais são os principais problemas sociais que você percebe na nossa sociedade? Comente sobre eles.
11- Por onde passa a solução deles?
12- Qual é a sua opinião sobre os cursos profissionalizantes?
13- Qual é a melhor maneira de "profissionalizar"um indivíduo?
14- Qual é a posição da escola diante do mercado de trabalho? Ela contribui ou não?
15- Na sua ótica existe alguma relação entre valorização profissional e educação? Justifique.

1) História

2) 1 ano

3) escolhe o conteúdo, estratégia, objetivos específicos. objetivos gerais e Avaliações, e faz o Plano de Curso. obedecendo essas normativas.

4) Os conteúdos extra-curriculares ficam a critério do professor, eu não fujo da proposta, porque esses conteúdos trás mais conhecimento ao aluno.

5) baseamos nossos currículos em cima de tais necessidades da comunidade, necessidades estas que são: adquirir conhecimentos perante a comunidade e estimular o seu censo crítico.

6) a economia brasileira é muito decadente, passamos por uma crise econômica, que nos leva a ter uma visão crítica desse sistema.

7) Sim, percebo claramente a mesma visão, uma vez que o objetivo deles é a mesma que a nossa, tenho a mesma visão, porém conhecimento diferente.

8) Sim, acho que é bom, porque temos que trabalhar em cima da proposta do governo. ele é a base de nossos currículos juntamente com outros orgãos da Educação.

RESPOSTAS TRANSCRITAS DO QUESTIONÁRIO:

Professor nº. 02

1. História.
2. Hum ano.
3. Escolhe o conteúdo, estratégia, objetivos específicos. Objetivos gerais e Avaliações, e faz o Plano de Curso obedecendo essas normativas.
4. Os conteúdos extra-curriculares ficam a critério do professor, eu não fujo da proposta, porque esses conteúdos trás mais conhecimento ao aluno.
5. Baseamos nossos currículos em cima de tais necessidades da comunidade, necessidades estas que são: adquirir conhecimentos perante a comunidade e estimular o seu censo crítico.
6. A economia brasileira é muito decadente, passamos por uma crise econômica, que nos leva a Ter uma visão crítica desse sistema.
7. Sim, percebo claramente a mesma visão, uma vez que o objetivo deles é a mesma que a nossa, tenho a mesma visão, porém conhecimento diferente.
8. Sim, acho que é bom, porque temos que trabalhar em cima da proposta do governo, ele é a base de nossos currículos juntamente com outros orgãos da Educação.
9. Bom, acredito eu que: alguns estudam só para conseguir o diploma, mas, a maioria não. Agora emprego e progresso profissional, estão associados, porque se você não tiver conhecimento de determinados assuntos, você nunca vai arrumar um emprego, e jamais será um bom profissional.
10. Na sociedade Lacerdense eu não tenho um conhecimento preciso, mas no geral, dou exemplo das diferentes classes sociais, e as diferenças raciais, ambas são diversificadas. Um cidadão tem muita dificuldade de freqüentar uma sociedade, porque na maioria das vezes ele é discriminado, não tem acesso a essa comunidade que se considera superior.
11. Se o nosso governo fosse voltado para o problemas da sociedade brasileira, elaborar um plano de governo em prol da miséria, um governo socialista e deixar de lado o capitalismo, acabar com a burguesia. Também elaborar uma Constituição mais rigorosa e Democrática, para termos direitos iguais na cidadania.
12. Eu particularmente apóio esses cursos, desde que eles nos ofereça conhecimentos precisos nos campos de trabalhos. A maioria da população opta pelos cursos porque não tem condições de freqüentar uma faculdade, então tais pessoas são desfavorecidas na faixa de cultura erudita.
13. Acredito eu que é transmitir todo conhecimento a nível de Sociedade, política e econômica.

Torná-lo capaz de defender e discutir problemas sócio-econômicos e culturais.

14. A escola é uma das responsáveis pelo desempenho diante do mercado de trabalho. É ela que contribui em maior escala, no conhecimento e no desempenho desse mercado. Já se tem o conhecimento que no nosso campo de trabalho está sendo muito classificado, ele quer pessoas especializadas em cada setor.
15. Existe, certa vez que se adquire conhecimento profissional através da educação.
    Justifico ainda que: muitos reconhece o valor da educação e a defende plenamente, porque se não fosse ela muitos não estaria ocupando posições previlegiada no campo profissional, e aqueles que conseguiram através da educação valorizam essa relação.

Professor nº 3

QUESTIONÁRIO

1- Que disciplinas você leciona?
2- Há quanto tempo?
3- Como é feito o planejamento anual da disciplina?
4- Existem conteúdos extra-curriculares que são lecionados? Você foge da proposta? Como?
5- Como são definidas as necessidades curriculares da comunidade escolar?
6- Qual é a sua visão em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo?
7- Normalmente a sua visão em relação ao problema levantado é a mesma dos seus alunos? Como você percebe isso?
8- Você acredita que o Estado interfere intencionalmente na Educação? Você acha que isso é bom ou ruim? Por quê?
9- Quais são as maiores aspirações em termos profissionais dos alunos? Eles estudam apenas apara conseguir o diploma para arrumar emprego ou para obter progresso profissional?
10- Quais são os principais problemas sociais que você percebe na nossa sociedade? Comente sobre eles.
11- Por onde passa a solução deles?...
12- Qual é a sua opinião sobre os cursos profissionalizantes?
13- Qual é a melhor maneira de "profissionalizar"um indivíduo?
14- Qual é a posição da escola diante do mercado de trabalho? Ela contribui ou não?
15- Na sua ótica existe alguma relação entre valorização profissional e educação? Justifique.

UNEMAT
Campus Universitário de Tangará da Serra
BIBLIOTECA

1- História e Ensino Religioso.

2- 2 anos.

3- É feito baseado na matéria básica a ser estudada e em apostilas e livros referente ao curso.

4- Sim. Às vezes. Quando surgem curiosidades pelos alunos e por mim mesma e também trabalho com a Geografia e História do Mato Grosso.

5- Me baseio em coisas e matérias que serviram para o futuro de meus alunos, vestibulares e concursos.

6- Eu acho interessante e válido, as mudanças são constantes procura-se sempre fazer o melhor.

7- Não, nem sempre. Através dos debates e opiniões.

Professor nº 4

QUESTIONÁRIO

1- Que disciplinas você leciona?
2- Há quanto tempo?
3- Como é feito o planejamento anual da disciplina?
4- Existem conteúdos extra-curriculares que são lecionados? Você foge da proposta? Como?
5- Como são definidas as necessidades curriculares da comunidade escolar?
6- Qual é a sua visão em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo?
7- Normalmente a sua visão em relação ao problema levantado é a mesma dos seus alunos? Como você percebe isso?
8- Você acredita que o Estado interfere intencionalmente na Educação? Você acha que isso é bom ou ruim? Por quê?
9- Quais são as maiores aspirações em termos profissionais dos alunos? Eles estudam apenas apara conseguir o diploma para arrumar emprego ou para obter progresso profissional?
10- Quais são os principais problemas sociais que você percebe na nossa sociedade? Comente sobre eles.
11- Por onde passa a solução deles?
12- Qual é a sua opinião sobre os cursos profissionalizantes?
13- Qual é a melhor maneira de "profissionalizar"um indivíduo?
14- Qual é a posição da escola diante do mercado de trabalho? Ela contribui ou não?
15- Na sua ótica existe alguma relação entre valorização profissional e educação? Justifique.

(1) geografia
(2) 1º ano
(3) apostilado e livros (aulc vídeo)
(4) Sim, não. (ex. assunto atual)
(5) necessidades de uma aprendizado profissionalizante
(6) Brasil, e no mundo esse processo está razoável, mas necessitamos muito de empregos e melhores salários p/ melhorar a economia
(7) nem os alunos nem percebem como anda a economia no Brasil e no mundo por não entenderem o que é economia e
(8) Sim, seria bom se a realidade fosse posta em prática
(9) Diploma
(10) financeiro, educacao, saúde, família social.
(11) Esta no governo
(12) São bons, pois dá qualidade ao profissional
(13) na Prática

RESPOSTAS TRANSCRITAS DO QUESTIONÁRIO:

Professor nº 04

1. Geografia.
2. 1°. ano
3. Apostilado e livros (aula vídeo).
4. Sim, Não (ex., assuntos atuais).
5. Necessidades de uma aprendizado profissionalizante.
6. Brasil, e no mundo esse processo está razoável, mas necessitamos muito de empregos e melhores salários para melhorar a economia.
7. Não os alunos nem percebem como anda a economia no Brasil e no mundo por não entenderem o que é economia e falta de interesse.
8. Sim, será bom se a realidade fosse posta em prática
9. Diploma.
10. Financeiro, educação, saúde, família, social.
11. Esta no governo.
12. São bons, pois dá qualidade ao profissional.
13. Na prática.
14. Não (estadual)
15. Não, pois alguns cursos devem ser direcionados ao curso específico.

Professor nº 5

QUESTIONÁRIO

1- Que disciplinas você leciona?
2- Há quanto tempo?
3- Como é feito o planejamento anual da disciplina?
4- Existem conteúdos extra-curriculares que são lecionados? Você foge da proposta? Como?
5- Como são definidas as necessidades curriculares da comunidade escolar?
6- Qual é a sua visão em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo?
7- Normalmente a sua visão em relação ao problema levantado é a mesma dos seus alunos? Como você percebe isso?
8- Você acredita que o Estado interfere intencionalmente na Educação? Você acha que isso é bom ou ruim? Por quê?
9- Quais são as maiores aspirações em termos profissionais dos alunos? Eles estudam apenas para conseguir o diploma para arrumar emprego ou para obter progresso profissional?
10- Quais são os principais problemas sociais que você percebe na nossa sociedade? Comente sobre eles.
11- Por onde passa a solução deles?
12- Qual é a sua opinião sobre os cursos profissionalizantes?
13- Qual é a melhor maneira de "profissionalizar"um indivíduo?
14- Qual é a posição da escola diante do mercado de trabalho? Ela contribui ou não?
15- Na sua ótica existe alguma relação entre valorização profissional e educação? Justifique.

1- Língua Portuguesa (6ª série), História (6ª, 7ª e 8ª séries) e Geografia 1ª série do 2º grau.

2- Menos de 2 meses.

3- Os professores das disciplinas se reúnem, discutem as diretrizes, definem conteúdos e traçam os objetivos.

4- Sim. Eu fujo caso o aluno apresente alguma deficiência anterior ou conforme sentir necessidade.

5- Pela discussão entre os professores, dos parâmetros curriculares. Isto é, entre alguns, porque existem os que apenas seguem os conteúdos do livro didático, sem questionar.

6- Tenho receio da perda de identidade dos países, do crescimento da exploração pelo poder econômico, da aculturação. Não consigo enxergá-la de forma positiva.

7- Nem sempre. Às vezes eles enxergam o problema de longe, bem que existe, mas é preciso instigá-los para alargar a visão, e isso é feito através de debates.

8- Claro que sim. Toda ação do Estado vem com uma máscara bonitinha, quando na verdade só está preocupado em manter uma massa alienada que não perturbe os seus interesses.

9- Apenas pelo diploma, infelizmente.

Professor nº 6

QUESTIONÁRIO

1- Que disciplinas você leciona?
2- Há quanto tempo?
3- Como é feito o planejamento anual da disciplina?
4- Existem conteúdos extra-curriculares que são lecionados? Você foge da proposta? Como?
5- Como são definidas as necessidades curriculares da comunidade escolar?
6- Qual é a sua visão em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo?
7- Normalmente a sua visão em relação ao problema levantado é a mesma dos seus alunos? Como você percebe isso?
8- Você acredita que o Estado interfere intencionalmente na Educação? Você acha que isso é bom ou ruim? Por quê?
9- Quais são as maiores aspirações em termos profissionais dos alunos? Eles estudam apenas apara conseguir o diploma para arrumar emprego ou para obter progresso profissional?
10- Quais são os principais problemas sociais que você percebe na nossa sociedade? Comente sobre eles.
11- Por onde passa a solução deles?
12- Qual é a sua opinião sobre os cursos profissionalizantes?
13- Qual é a melhor maneira de "profissionalizar"um indivíduo?
14- Qual é a posição da escola diante do mercado de trabalho? Ela contribui ou não?
15- Na sua ótica existe alguma relação entre valorização profissional e educação? Justifique.

(7) Sim, [illegible]

(8) [illegible] participante da [illegible]

(6) [illegible]

[illegible] não é mesmo de [illegible]

(7) [illegible]

(8) Sim! Bom, porque [illegible] continuei no [illegible] estejam preparado realmente para o cargo.

(9) Ligue [illegible] três alguns, na maioria dos casos, para arrumar um emprego, já que os alunos que frequentão a escola estadual são maioria de classe baixa e logo precisam trabalhar.

(10) O que [illegible] isso acaba [illegible]

(11) No [illegible]

(12) Acho bom, assim [illegible] define uma profissão, mesmo de [illegible] para [illegible] cursos técnicos

13- É estudar e depois [illegible] cursos e a prática da realidade.

Campus Universitário de Cáceres - UNEMAT
Instituto de Ciências Exatas e Naturais - ICEN
Departamento de Ciências Exatas e Lacerda - MT
DCA

RESPOSTAS TRANSCRITAS DO QUESTIONÁRIO:

Professor nº 06

1. Geografia.
2. 12 anos e magistério (1 a 4), mais 10 anos ao total 22 anos.
3. reune e discute e faz.
4. Sim, sim, assuntos da atualidades, ou que ocorrem perguntas nos momentos que estamos discutindo os conteúdos,
5. São definidas em conjunto com os participantes das comunidades escolares, como supervisor professor, diretor, e participantes escolares
6. Processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo lento; com crescimento mínimo. Não, Não e mesmo do professor.
7. Através do diálogo e dos procedimentos, eles vão se ajustando.
8. Sim! bom, porque ele está exigindo que para o professor continui no atuando esteja preparado realmente para o cargo.
9. Alguns nos três objetivos, na maioria dos casos para arrumar um emprego, já que os alunos que frequentão a escola estadual são maioria de classe baixa e logo precisa trabalhar.
10. O que todos percebe é falta de emprego, saúde, é com isso acarreta todos os problemas sociais.
11. Acho bom, assim eles define uma profissão, recebe o mínimo de recurso para ser um profissional, depois cada um tem correr atrás.
13. É estudar e depois participar e ir se capacitando através de cursos e a pratica da realidade.
14. Sim. A escola é fundamental.
15. Escola e muito a partir de uma boa educação vem valorização profissional, dando-lhe capacidade de desenvolver com mais desempenho sua profissão.

Professor nº 7

QUESTIONÁRIO

1- Que disciplinas você leciona?
2- Há quanto tempo?
3- Como é feito o planejamento anual da disciplina?
4- Existem conteúdos extra-curriculares que são lecionados? Você foge da proposta? Como?
5- Como são definidas as necessidades curriculares da comunidade escolar?
6- Qual é a sua visão em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo?
7- Normalmente a sua visão em relação ao problema levantado é a mesma dos seus alunos? Como você percebe isso?
8- Você acredita que o Estado interfere intencionalmente na Educação? Você acha que isso é bom ou ruim? Por quê?
9- Quais são as maiores aspirações em termos profissionais dos alunos? Eles estudam apenas apara conseguir o diploma para arrumar emprego ou para obter progresso profissional?
10- Quais são os principais problemas sociais que você percebe na nossa sociedade? Comente sobre eles.
11- Por onde passa a solução deles?
12- Qual é a sua opinião sobre os cursos profissionalizantes?
13- Qual é a melhor maneira de "profissionalizar"um indivíduo?
14- Qual é a posição da escola diante do mercado de trabalho? Ela contribui ou não?
15- Na sua ótica existe alguma relação entre valorização profissional e educação? Justifique.

Professor nº 8

QUESTIONÁRIO

1- Que disciplinas você leciona?
2- Há quanto tempo?
3- Como é feito o planejamento anual da disciplina?
4- Existem conteúdos extra-curriculares que são lecionados? Você foge da proposta? Como?
5- Como são definidas as necessidades curriculares da comunidade escolar?
6- Qual é a sua visão em relação ao processo de abertura econômica verificado no Brasil e no mundo?
7- Normalmente a sua visão em relação ao problema levantado é a mesma dos seus alunos? Como você percebe isso?
8- Você acredita que o Estado interfere intencionalmente na Educação? Você acha que isso é bom ou ruim? Por quê?
9- Quais são as maiores aspirações em termos profissionais dos alunos? Eles estudam apenas apara conseguir o diploma para arrumar emprego ou para obter progresso profissional?
10- Quais são os principais problemas sociais que você percebe na nossa sociedade? Comente sobre eles.
11- Por onde passa a solução deles?
12- Qual é a sua opinião sobre os cursos profissionalizantes?
13- Qual é a melhor maneira de "profissionalizar"um indivíduo?
14- Qual é a posição da escola diante do mercado de trabalho? Ela contribui ou não?
15- Na sua ótica existe alguma relação entre valorização profissional e educação? Justifique.

1- Geografia
2- 5 anos
3- Através de um plano de curso.
4- No princípio não, mas surgindo o interesse por parte dos alunos por um determinado assunto que diz respeito à matéria, sim. Procuro pesquisar a respeito do assunto questionado e o explico para eles.
5- Como é um curso supletivo, procuro abordar os assuntos julgados mais importantes e alguns temos da atualidade.
7- Nem sempre. Isso é percebido principalmente com as perguntas que os alunos fazem e também de acordo com as idéias por eles colocados.
9- No meu ponto de vista, os alunos daqui não tem grandes aspirações profissionais, em sua maioria. Muitos estudam para conseguir o diploma e com isso tentar um emprego melhor.
10- O baixo nível cultural da população e o desemprego.